



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação Física - FEF

**MULHERES E O FUTEBOL: uma análise das relações estabelecidas
entre as mulheres e o futebol em contextos esportivos ou de lazer.**

**CAROLINA RODRIGUES LOURENÇO DOS SANTOS E
ESTER GERALDO CAMPELO TORRES**

Brasília-DF
2023

**MULHERES E O FUTEBOL: uma análise das relações estabelecidas
entre as mulheres e o futebol em contextos esportivos ou de lazer.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de
Bacharelado no Curso de Educação
Física da Universidade de Brasília.

Orientadora
Prof.^a Dr.^a Dulce Maria Filgueira de Almeida

RESUMO

Durante o período de 1941 a 1979 (trinta e oito anos) as mulheres foram proibidas de praticar qualquer esporte considerado incompatíveis com as condições de sua natureza, como o futebol, com a justificativa de que os corpos femininos eram frágeis e a prática poderia prejudicar a fertilidade. Esse tempo de proibição impactou a corporeidade feminina, sendo retirado das mulheres o direito à prática do esporte, tanto em contextos educacionais, quanto fora dele. Nesse escopo, faz-se necessário compreender como a produção científica do campo de conhecimento e intervenção pedagógica da Educação Física analisa o gap histórico acerca do cerceamento do direito ao esporte por parte das mulheres (meninas) no caso brasileiro. É fundamental o desenvolvimento de estudos que descrevam e analisem o futebol feminino de forma integral. Por isso essa pesquisa tem como objetivo geral: compreender a história recente da inserção da mulher no espaço social esportivo, especificamente no futebol, no contexto da sociedade brasileira a partir de 1983 (momento de regulamentação do futebol feminino no Brasil), com base na percepção de ex-atleta de futebol de mulheres e produção acadêmica disponibilizada na Revista Movimento (UFRGS) acerca da temática Mulher. Especificamente pretende-se: a) Averiguar, na produção acadêmica disponibilizada no periódico Capes na Revista Movimento (UFRGS) como se dá o contexto da mulher no futebol brasileiro, quem são os/as autores/as, inclusive em relação sexo, onde se situa essa produção e quais são as principais conclusões apresentadas no escopo dos artigos. b) Identificar no relato de ex-atleta de futebol elementos que possibilitem a compreensão da inserção da mulher no futebol feminino no Brasil, bem como as dificuldades e superações para a consolidação dessa prática corporal. A plataforma de pesquisa utilizada foi o Portal de Periódicos Capes, a amostra foi composta inicialmente por 20 publicações entre os anos de 2018 até 2022 e posteriormente o recorte foi direcionado a todos os artigos da Revista Movimento (UFRGS). Foi feita a pré-análise da amostra por meio da nuvem de palavras criada pelo software NVivo Realease versão 2021. E a análise em profundidade ocorreu por meio da técnica de análise de conteúdo, segundo Bardin. As categorias de análise tomadas como objeto de nossa investigação foram: **(a) a representação da mulher no contexto esportivo**, exposta nos artigos e **(b) a produção acadêmica relacionada às mulheres, enquanto jogadora ou atleta** que são ventilados na produção científica. Os periódicos demonstraram um avanço na modalidade feminina, como mudanças nos uniformes e obrigações imposta por entidades para que os clubes investissem em equipes femininas, mas também nos mostram que há preconceito e desvalorização da modalidade. Ainda há uma sub-representação nos cargos de liderança, além da desproporcionalidade dos salários oferecidos entre mulheres e homens que ocupam a mesma função. A proibição do futebol de mulheres no Brasil também deixou outros reflexos negativos, a saber: a ausência de pertencimento ao campo esportivo de forma integral, o baixo incentivo ao esporte e o baixo investimento no futebol feminino. Esse campo esportivo é um ambiente social que foi inviabilizado para as mulheres, por isso é fundamental pesquisas que descrevam e analisem a corporeidade feminina.

Palavras-chave: mulher, futebol, corpo e gênero.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1. NUVEM DE PALAVRAS SOBRE OS PERIÓDICOS DA REVISTA MOVIMENTO.

FIGURA 2. LEDA PARTICIPANDO DA EQUIPE DO SPORTV NAS TRANSMISSÕES DE JOGOS DO FUTEBOL FEMININO DURANTE AS OLIMPÍADAS DE 2016.

FIGURA 3. LEDA ATUANDO PELA SELEÇÃO BRASILEIRA.

FIGURA 4. FOTO OFICIAL DAS JOGADORAS E COMISSÃO TÉCNICA DOS JOGOS OLÍMPICOS DE ATLANTA, EM 1996.

FIGURA 5. PENTA CAMPEONATO CARIOCA EM QUE A LEDA PARTICIPOU.

FIGURA 6. LEDA UNIFORMIZADA DE VASCO DA GAMA.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. PRODUÇÕES IDENTIFICADAS

QUADRO 2. PRODUÇÕES DA REVISTA MOVIMENTO

QUADRO 3. CITAÇÃO DO AUTOR, GÊNERO, NÍVEL ACADÊMICO E ÁREA DE FORMAÇÃO

QUADRO 4. UNIVERSIDADE DE VÍNCULO DOS AUTORES, MUNICÍPIO, ESTADO E MACRORREGIÕES DAS UNIVERSIDADES

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1. GÊNERO DOS AUTORES QUE COMPÕEM A AMOSTRA

GRÁFICO 2. ÁREA DE FORMAÇÃO DOS AUTORES DA REVISTA MOVIMENTO

GRÁFICO 3. AS MACRORREGIÕES ONDE AS UNIVERSIDADES SE LOCALIZAM

GRÁFICO 4. OS ESTADOS ONDE OS AUTORES SE APERFEIÇOARAM ACADEMICAMENTE

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACEP/PR – Associação dos Cronistas Esportivos do Paraná APP – Arquivo Público do Paraná

A-1 – Primeira divisão

A-2 – Segunda divisão

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

CND – Conselho Nacional de Desportos

COI – Comité International Olympique

CONMEBOL – Confederação Sul-Americana de Futebol

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

CRD/PR – Conselho Regional de Desportos do Paraná

CREF – Conselho Regional de Educação Física

EPC – Economia Política da Comunicação

FIFA – Federação Internacional de Futebol

IAAF – International Association of Athletics Federations

ID – Número de identificação

IFSP – Instituto Federal de São Paulo

MBB – Meninos bons de bola

PNAD – Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio

PUCSP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 8 |
| 2. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA | 10 |
| 3. A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO CONTEXTO ESPORTIVO CONFORME A PRODUÇÃO CIENTÍFICA PUBLICADA NA REVISTA MOVIMENTO | 15 |
| 3.1 QUEM ESCREVE SOBRE O FUTEBOL DE MULHERES? | 15 |
| 3.2 COMO AS MULHERES SÃO RETRATADAS NO CAMPO ESPORTIVO? | 18 |
| 3.3 PRINCIPAIS ABORDAGENS, APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS ENTRE OS ARTIGOS DA AMOSTRA | 29 |
| 4. O PAPEL DA MULHER NO FUTEBOL BRASILEIRO CONSOANTE RELATO DE EX-ATLETA | 33 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 52 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 54 |
| APÊNDICES I - TRANSCRIÇÃO DO RELATO DE EXPERIÊNCIA DA EX- ATLETA DE FUTEBOL LEDA MARIA COZER ABREU | 59 |
| APÊNDICE II- ROTEIRO ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA LEDA MARIA COZER ABREU – EX-ATLETA DE FUTEBOL | 72 |

1. INTRODUÇÃO

O futebol é um fenômeno cultural que, no Brasil, faz parte da identidade nacional (Guedes, 1998). No entanto, entre os anos 1941 e 1979 esta prática corporal, ao lado de outras, foi proibida para mulheres nesse país (Brasil, 1941). Como parte de um contexto cultural entendemos que o futebol se manifesta em um campo de disputas (luta) em que são contestados os sentidos por elas expressos (Hall, 2019).

Por muito tempo as mulheres foram consideradas fracas, frágeis e tinham como única função reproduzir, cuidar da casa e dos filhos. Diante dessa ideia de fragilidade do corpo feminino, até o final do século XIX havia um receio sobre a atividade física para meninas (Adelman, 2003). No dia 14 de abril de 1941, Getúlio Vargas baixou decreto que proibia as mulheres de praticar esportes, como segue:

“Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (Decreto n. 3.199, 14 de abril de 1941).

Durante os anos que se seguiram as mulheres só poderiam jogar na clandestinidade, não restando a prática cultural na escola, nem o lazer desportivo e muito menos a atividade profissional naquele contexto. Após a queda do decreto de 1941, a luta por espaço na prática não havia acabado, pois os resquícios do controle sobre os corpos das mulheres ainda se conservavam. O gênero feminino e sua corporeidade foram sempre envolvidos em muitos “limites” sociais e foi dado ao corpo feminino diretrizes de como se portar, o que fazer e o que não ser feito.

Pelo acima exposto, percebe-se, portanto, que foi retirado da corporeidade da mulher o acesso aos espaços ou campos esportivos (Bourdieu, 1983), sendo esses espaços gerenciados e mantidos hierarquicamente por homens até hoje. Registram Oliveira; Teixeira (2009) que a proibição também deixou outros reflexos negativos, como poucos cargos de liderança ocupados por mulheres no esporte e uma possível “reserva” masculina no mercado esportivo, suscitando-nos uma questão que perpassa as relações de gênero, assim entendidas como: [...] construção cultural das masculinidades e das feminilidades, seguindo ou burlando as regras sociais binárias e dicotômicas que ligam, imediatamente, a homens e mulheres, respectivamente (Louro, 1997).

Nesse escopo, vale destacar que os papéis sociais de gênero ainda demarcam o futebol como uma atividade masculina. Consoante o entendimento das autoras temos que:

“Os papéis sociais de gênero são responsáveis por determinar o comportamento e as atividades dos homens e das mulheres. É comum que durante a infância as meninas recebam de presente brinquedos associados à vida doméstica, como bonecas e casinhas. Por outro lado, o instinto aventureiro e atlético dos meninos é estimulado com brinquedos como carrinhos e aviões” (Dos Santos, Lemos, 2021, p. 225).

As mulheres ainda resistem para ter um espaço no meio do futebol, seja quando crianças que seus responsáveis não as permitiam a prática, por ser um esporte de contato ou quando chegavam para jogar com homens e precisavam provar que dominavam o esporte ou simplesmente não podiam jogar. Após décadas de marginalização no cenário esportivo, enfim, as mulheres conquistam o direito de jogar futebol e, valendo-se desse direito e lutam por mais igualdade no cenário esportivo e resistem aos processos opressivos, demonstrando que o futebol é para todas/os.

Desse modo, considerando a importância da discussão da temática mulheres no futebol para o campo de conhecimento e intervenção pedagógica da Educação Física, bem como, para o maior aprofundamento das relações de gênero na formação humana desse campo, o presente trabalho tem por **objetivo geral**: compreender a história recente da inserção da mulher no espaço social esportivo, especificamente no futebol, no contexto da sociedade brasileira a partir de 1983 (momento de regulamentação do futebol feminino no Brasil), com base na percepção de ex-atleta de futebol de mulheres e produção acadêmica disponibilizada na Revista Movimento (UFRGS) acerca da temática Mulher AND Futebol. **Especificamente**, pretendemos: (a) averiguar na produção acadêmica disponibilizada na Revista Movimento (UFRGS) como se dá o contexto da mulher no futebol brasileiro, quem são as/os autoras/es, inclusive em relação ao sexo, onde se situa essa produção e quais são as principais conclusões apresentadas no escopo dos artigos. E, (b) identificar com base na percepção de ex-atleta de futebol elementos que possibilitem a compreensão da inserção da mulher no futebol feminino no Brasil, bem como as dificuldades e superações para a consolidação dessa prática corporal.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A pesquisa atendeu a uma abordagem qualitativa e compreendeu um estudo no modelo bibliográfico de natureza descritiva, complementada pela realização de uma entrevista com uma ex-atleta de futebol feminino.

No âmbito da pesquisa bibliográfica foi realizada, primeiramente, consulta ao Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), para a obtenção e delineamento da amostra. Definiu-se como descritores: Mulher e Futebol. E como operadores booleanos: AND. Os critérios de inclusão: os artigos disponibilizados na plataforma CAPES na língua portuguesa e entre os anos de 2018 até 2022 (a fim de contemplar a produção mais recente do futebol de mulheres) e estar disponível para a leitura. Os critérios de exclusão: os periódicos duplicados, os que não puderam ser lidos integralmente, os que não estavam em português e as resenhas.

Foram encontrados inicialmente 41 resultados (39 artigos e 2 resenhas), desses, 16 artigos foram excluídos por não estarem relacionados diretamente com o recorte da pesquisa ou por serem duplicados. Além disso, as resenhas também foram excluídas da amostra por não compreenderem nosso interesse de pesquisa, compreendendo a amostra inicial apresentada no quadro 1 a seguir:

Os 21 artigos iniciais foram lidos integralmente e utilizados para contextualizar o relato de experiência da ex-atleta Leda Maria Cozer de Abreu e assim revelar ao leitor um pouco mais de todo o processo de luta do futebol de mulheres.

QUADRO 1. PRODUÇÕES IDENTIFICADAS

| TÍTULO | AUTORIA | REVISTA | ANO | LOCAL |
|--|---|---|------|---|
| Futebol e futsal de mulheres: estigmas e avanços | Gustavo Henrique de Almeida-Silva Victor Barbosa Ribeiro | Caderno de Educação Física e Esporte | 2022 | Instituto Federal de São Paulo (IFSP) |
| “Dibrando” a mídia hegemônica: a imprensa alternativa na propagação do futebol de mulheres | Cecília Almeida Rodrigues Lima, Soraya Barreto Januário, Daniel Felipe de Oliveira Leali | Revista Brasileira de Ciências da Comunicação | 2022 | Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) |
| O desporto inadequado à natureza feminina: prelúdios do futebol feminino no Paraná (1934–1951) | Joana Caroline Corrêa da Silva, André Mendes Capraro | Movimento - Revista de Educação Física da UFRGS | 2022 | Universidade Federal do Paraná (UFPR) |

| | | | | |
|---|---|--|------|--|
| Expressões e corporalidades de mulheres cis e homens trans no ambiente futebolístico | Mariane da Silva Pisani, Maurício Rodrigues Pinto | Revista Estudos Feministas | 2021 | Universidade de São Paulo (USP) |
| Corpo e gênero na experiência inicial de jogadoras de futebol | Talita Machado Vieira, José Sterza Justo, Sonia Regina Vargas Mansano | Revista Estudos Feministas | 2021 | Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) |
| Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências | Silvana Vilodre Goellner | Movimento - Revista de Educação Física da UFRGS | 2021 | Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) |
| As mulheres e o país do futebol: intersecção de gênero, classe e raça no Brasil | Mariana Zuaneti Martins, Kerzia Railane Santos Silva, Vitor Vasquez | Movimento - Revista de Educação Física da UFRGS | 2021 | Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) |
| Produção científica relacionada ao futebol de mulheres em teses e dissertações brasileiras na área de educação física | Mariana Klauck Beirith, Franciane Maria Araldi, Alexandra Folle | Movimento - Revista de Educação Física da UFRGS | 2021 | Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) |
| Treinamento de mulheres atletas: uma análise do Instagram de atletas da seleção brasileira de futebol em tempos de pandemia | André Luiz dos Santos Silva, Raquel da Silveira, Jamile Mezzomo Klanovicz, Angelita Alice Jaeger | Movimento - Revista de Educação Física da UFRGS | 2021 | Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) |
| Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: subversão e resistência na liberdade esportiva | Mariana Cristina Borges Novais, Ludmila Mourão, Osmar Moreira de Souza Junior, Igor Chagas Monteiro, Bárbara Aparecida Bepler Pires | Movimento - Revista de Educação Física da UFRGS | 2021 | Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) |
| Do corpo objeto ao corpo atlético: apontamentos sobre o futebol de mulheres | Lílian Pereira da Silva, Maria Isabel Brandão de Souza Mendes | Revista Latino-americana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad | 2021 | Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) |
| Mulheres e Futebol: a cobertura sobre o Brasileirão Feminino no site globoesporte.com | Magnolia Rejane Andrade dos Santos, Raysa Beatriz da Silva Lemos | Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade | 2021 | Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) |
| A Inserção da Mulher no Futebol | Anna Tharyne de Almeida Nascimento, Fátima Niemeyer da Rocha | Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades | 2021 | Universidade de Vassouras (UNIVASSOURAS) |
| Futebol de mulheres liderados por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem | Julia Gravena Passero, Júlia Barreira, Lucas Tamashiro, Alcides José Scaglia, Larissa Rafaela Galatti | Movimento - Revista de Educação Física da UFRGS | 2020 | Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) |
| Mulheres no futebol: alterações no regulamento da | Janice Zarpellon Mazo, Geórgia Fernandes Balardin, | Caminhos da História | 2020 | Universidade do Porto (U.Porto) |

| | | | | |
|--|--|---|------|---|
| connebol e espaço na mídia televisiva | Giandra Anceski Bataglion | | | |
| Uniformes esportivos de mulheres no futebol: convenções, subversões e distinções no vestuário | Cláudia Samuel Kessler, Fernanda de Oliveira Alves | Revista Dobra[s] | 2019 | Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) |
| Mulheres futebolistas. Debates sobre violência e moral durante o Estado Novo brasileiro | Caroline Soares de Almeida | Lusotopie [online] | 2019 | Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) |
| Corpo e tecnologias digitais: implicações de gênero no futebol feminino | Alcidesio Oliveira da Silva Junior, Mayanne Júlia Tomaz Freitas, Jeane Félix | Revista Temas em Educação | 2019 | Universidade Federal da Paraíba (UFPB) |
| Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física | Júlia Barreira, Maria Camila Rodrigues Gonçalves, Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros, Larissa Rafaela Galatti | Movimento - Revista de Educação Física da UFRGS | 2018 | Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) |
| Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres | Luiza Aguiar dos Anjos, Suellen dos Santos Ramos, Pamela Siqueira Joras, Silvana Vilodre Goellner | Revista Estudos Feministas | 2018 | Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) |

(Fonte própria, 2023).

Após a leitura do título, autoria, resumos e nome do periódico onde foram publicados os materiais inicialmente identificados, verificamos que: a produção que mais se alinhava com o escopo da pesquisa encontrava-se publicada na Revista Movimento. Além disso, era nesta revista que se evidenciou a preponderância de maior quantidade de publicações vinculadas à temática do estudo.

Nesse sentido, em razão da limitação temporal para a realização do estudo, optamos por redefinir a amostra, elegendo apenas os artigos publicados na Revista Movimento para maior aprofundamento. Os critérios para a eleição estão a seguir expostos: (a) possuir o maior número de trabalhos publicados sobre a temática; (b) ser umas das mais importantes da área da educação física no Brasil. Conforme segue no quadro 2.

QUADRO 2. PRODUÇÕES DA REVISTA MOVIMENTO

| TÍTULO | AUTORIA | ANO | LOCAL |
|--|--|------|---------------------------------------|
| 1.O desporto inadequado à natureza feminina: prelúdios do futebol feminino no Paraná (1934–1951) | Joana Caroline Corrêa da Silva, André Mendes Capraro | 2022 | Universidade Federal do Paraná (UFPR) |

| | | | |
|---|---|------|---|
| 2. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências | Silvana Vilodre Goellner | 2021 | Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) |
| 3. As mulheres e o país do futebol: intersecção de gênero, classe e raça no Brasil | Mariana Zuaneti Martins, Kerzia Railane Santos Silva, Vitor Vasquez | 2021 | Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) |
| 4. Produção científica relacionada ao futebol de mulheres em teses e dissertações brasileiras na área de educação física | Mariana Klauck Beirith, Franciane Maria Araldi, Alexandra Folle | 2021 | Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) |
| 5. Treinamento de mulheres atletas: uma análise do Instagram de atletas da seleção brasileira de futebol em tempos de pandemia | André Luiz dos Santos Silva, Raquel da Silveira, Jamile Mezzomo Klanovicz, Angelita Alice Jaeger | 2021 | Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) |
| 6. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: subversão e resistência na liberdade esportiva | Mariana Cristina Borges Novais, Ludmila Mourão, Osmar Moreira de Souza Junior, Igor Chagas Monteiro, Bárbara Aparecida Bepler Pires | 2021 | Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) |
| 7. Futebol de mulheres liderados por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem | Julia Gravena Passero, Júlia Barreira, Lucas Tamashiro, Alcides José Scaglia, Larissa Rafaela Galatti | 2020 | Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) |
| 8. Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física | Júlia Barreira, Maria Camila Rodrigues Gonçalves, Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros, Larissa Rafaela Galatti | 2018 | Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) |

(Fonte própria, 2023).

De forma complementar, realizamos uma entrevista com ex-atleta Leda Maria. A entrevista, que teve um roteiro flexível, composto por 8 questões, foi realizada em 26 de fevereiro de 2023, utilizando a plataforma Microsoft Teams, que permite a gravação de reuniões com a transcrição. A atleta autorizou a utilização de seu nome e relato de experiência através da assinatura digital no documento que solicitava a autorização da sua imagem, essa assinatura foi realizada pelo site Autentique¹, esse site possibilita que você faça o download do documento e envie solicitando a autorização, através dele consegue criar sua própria assinatura.

Nosso primeiro contato com a ex-atleta foi feito através da rede social Instagram, solicitando uma reunião em que a ex-atleta Leda Maria Cozer Abreu desse um relato de experiência sobre sua relação e vivências com o futebol, respondendo algumas perguntas enviadas antes da reunião, mas também podendo haver perguntas espontâneas. O roteiro encontra-se no apêndice II do trabalho. A aproximação com a ex atleta aconteceu no ano

¹ <https://www.autentique.com.br>

de 2021, em uma reunião de trabalho sobre escolas de futebol, por isso o contato com a Leda foi facilitado.

Leda hoje é uma ex-atleta da seleção brasileira formada em educação física, treinadora, comentarista e analista de desempenho, que jogou quando criança no período da proibição do futebol de mulheres e viveu a época da regulamentação do esporte. Leda é uma figura fundamental na história do futebol de mulheres.

A pré-análise dos artigos selecionados contendo os itens: título, resumo e palavras-chave foi feita por meio do software NVivo Realease versão 2021. A análise em profundidade ocorreu por meio da análise de conteúdo, segundo Bardin (2011). As categorias de análise tomadas como objeto de nossa investigação são: **(a) a representação da mulher no contexto esportivo**, exposta nos artigos; **(b) a produção acadêmica relacionada às mulheres, enquanto jogadora ou atleta** que são ventilados na produção científica. Os oito artigos da amostra foram lidos integralmente.

A nuvem de palavras foi criada a partir dos resumos introduzidos no Word em PDF, cujos títulos eram: número de identificação (ID), título e palavras-chave. Realizado por meio do software NVivo Realease versão 2021.

Para isso, foi necessário estabelecer critérios de análise do texto. A primeira análise do texto trouxe o objetivo do estudo, assim como os autores utilizados nessas produções. A segunda categoria de análise abordou a relação do que foi divulgado acerca das mulheres e o vínculo entre o futebol ou alguma outra modalidade esportiva como o futsal dentre outras. Em outras palavras, para alcançar os objetivos do trabalho foi necessário compreender o que foi trazido sobre a mulher e o futebol, além de considerar o espaço social esportivo de modo geral dentro em cada uma dessas produções.

3. A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO CONTEXTO ESPORTIVO CONFORME A PRODUÇÃO CIENTÍFICA PUBLICADA NA REVISTA MOVIMENTO

O presente capítulo tem por objetivo averiguar na produção acadêmica disponibilizada na Revista Movimento (UFRGS) como se dá o contexto da mulher no futebol brasileiro, quem são os/as autores/as, inclusive em relação ao sexo, onde se situa essa produção e quais são as principais conclusões apresentadas no escopo dos artigos.

FIGURA 1. NUVEM DE PALAVRAS SOBRE OS PERIÓDICOS DA REVISTA MOVIMENTO.



Fonte própria (2023).

3.1 QUEM ESCREVE SOBRE O FUTEBOL DE MULHERES?

Através da análise dos periódicos que tratam do futebol de mulheres, selecionamos apenas os artigos da Revista Movimento, escolhida como referência desse trabalho. Esse capítulo apresenta as informações da primeira autora ou autor com o nível acadêmico mais elevado de cada periódico encontrado na amostra, apresentando o sexo, área acadêmica e os estados, municípios e macrorregiões onde obtiveram esse título. Essas informações foram apresentadas através das tabelas e gráficos abaixo. Levando em consideração o nível acadêmico mais elevado dos autores e das autoras, é importante destacar que nessa análise todos os periódicos tiveram doutores e doutoras como autores e autoras dos estudos.

QUADRO 3: CITAÇÃO DO AUTORA/AUTOR, SEXO, NÍVEL ACADÊMICO E ÁREA DE FORMAÇÃO.

| Nº | AUTORIA | SEXO | NÍVEL ACADÊMICO | ÁREA DE FORMAÇÃO |
|----|---------------------|--------|-----------------|------------------------------|
| 1 | CAPRARO, A. M. | Homem | Doutorado | História |
| 2 | GOELLNER, S. V. | Mulher | Doutorado | Educação |
| 3 | MARTINS, M. Z. | Mulher | Doutorado | Educação Física |
| 4 | FOLLE, A. | Mulher | Doutorado | Educação Física |
| 5 | SILVA, A. L. dos S. | Homem | Doutorado | Ciências do Movimento Humano |
| 6 | MOURÃO, L. | Mulher | Doutorado | Educação Física |

| | | | | |
|---|--------------|--------|-----------|-----------------|
| 7 | BARREIRA, J. | Mulher | Doutorado | Educação Física |
| 8 | BARREIRA, J. | Mulher | Doutorado | Educação Física |

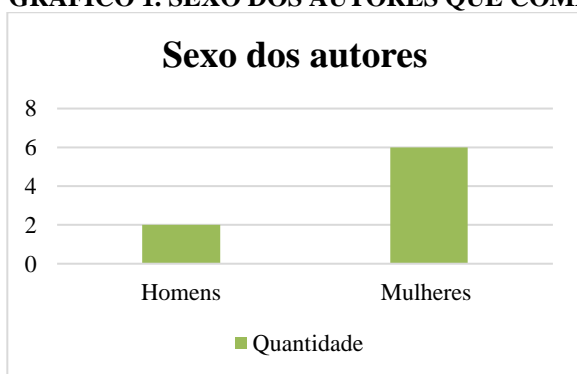
Fonte própria (2023).

QUADRO 4. UNIVERSIDADE DE VÍNCULO DAS/DOS AUTORAS/AUTORES, MUNICÍPIO, ESTADO E MACRORREGIÕES DAS UNIVERSIDADES.

| Nº | UNIVERSIDADE DE VÍNCULO | MUNICÍPIO | ESTADO | MACRORREGIÕES |
|----|---|-------------------|-------------------|---------------|
| 1 | Universidade Federal do Paraná (UFPR) | Curitiba | Paraná | Sul |
| 2 | Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) | Campinas | São Paulo | Sudeste |
| 3 | Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) | Campinas | São Paulo | Sudeste |
| 4 | Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) | Não há informação | Santa Catarina | Sul |
| 5 | Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | Sul |
| 6 | Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) | Juiz de Fora | Minas Gerais | Sudeste |
| 7 | Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) | Campinas | São Paulo | Sudeste |
| 8 | Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) | Campinas | São Paulo | Sudeste |

Fonte própria (2023).

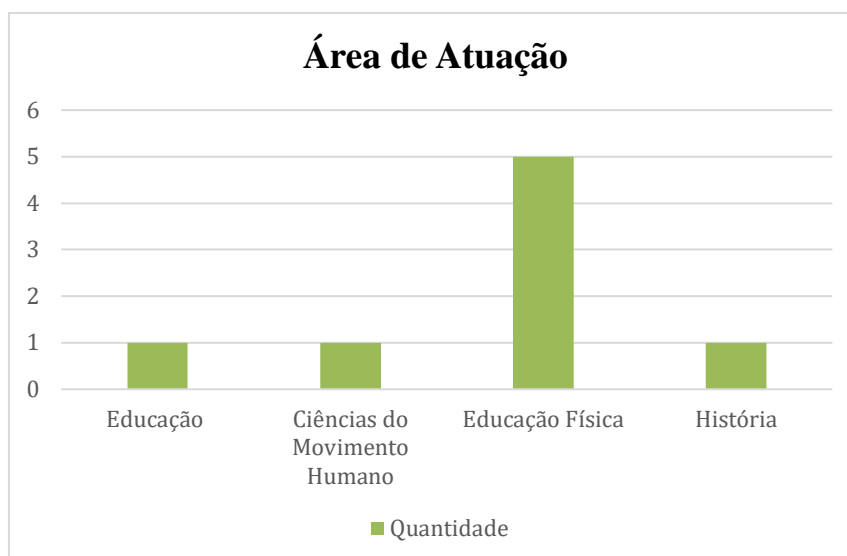
GRÁFICO 1. SEXO DOS AUTORES QUE COMPÕEM A AMOSTRA.



Fonte própria (2023).

O gráfico 1 nos mostra a distribuição de gênero dos autores que contemplam a amostra, sendo a maior parte dos autores, mulheres. É importante salientar a produção feminina nestas produções acadêmicas.

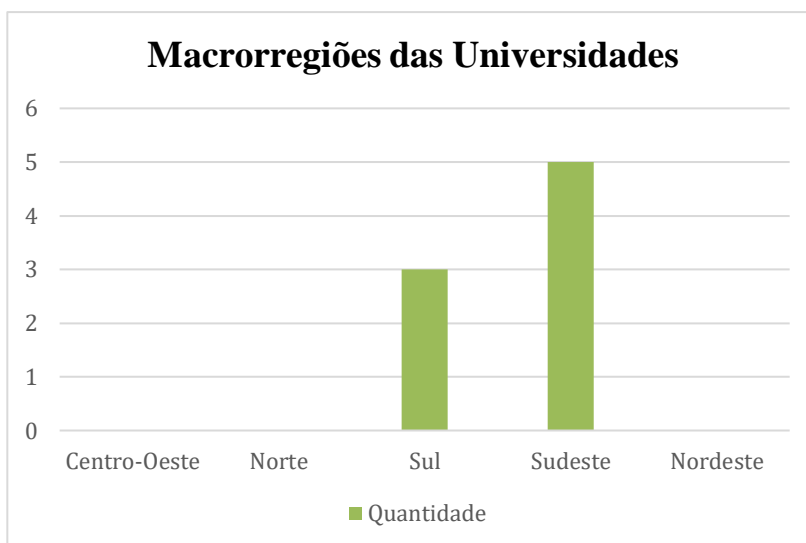
GRÁFICO 2. ÁREA DE ATUAÇÃO DAS AUTORAS/AUTORES DA REVISTA MOVIMENTO.



Fonte própria (2023).

O gráfico 2 demonstra a área de atuação das/dos autoras/autores e pode ser verificado que a área de educação física é a mais predominante entre os autores. Isso acontece também porque a amostra foi delimitada apenas para publicações da revista movimento, umas das mais importantes da área da educação física.

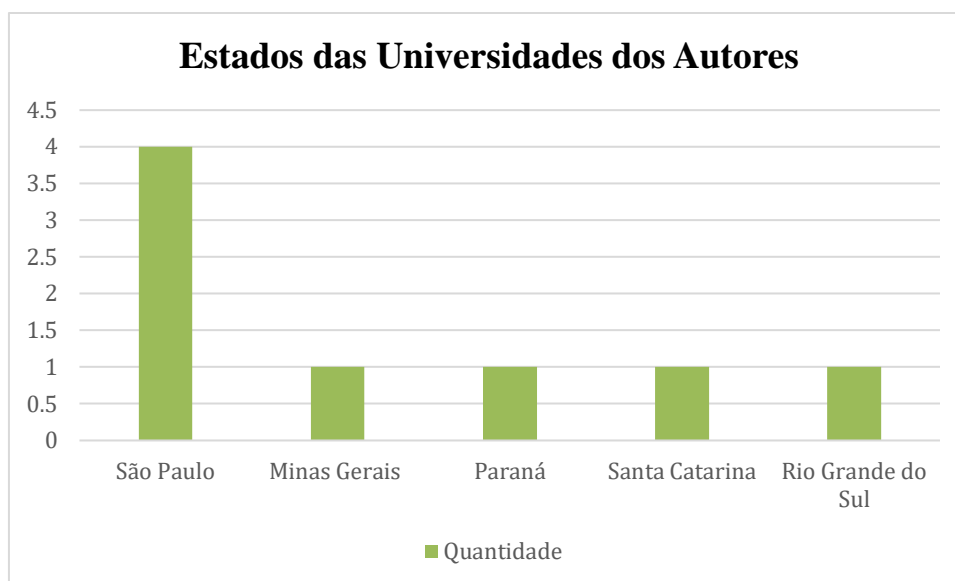
GRÁFICO 3. AS MACRORREGIÕES ONDE AS UNIVERSIDADES SE LOCALIZAM.



Fonte própria (2023).

O gráfico 3 nos mostra a distribuição das macrorregiões representadas pelas autoras e autores da amostra, onde esses fizeram sua última qualificação até 2023. As regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste do Brasil não foram representadas em nenhum dos artigos. A região com mais publicações na amostra foi a região Sudeste.

GRÁFICO 4. OS ESTADOS ONDE AS/OS AUTORAS/AUTORES SE APERFEIÇOARAM ACADEMICAMENTE.



Fonte própria (2023).

O gráfico 4 aborda os Estados do Brasil onde as universidades de formação das/dos autoras/autores se localizam. O estado mais representado foi São Paulo, o que demonstrou sua dominação na significação da prática do futebol de mulheres.

A região Sul demonstrou equilíbrio de poder entre os estados, pois revela um equilíbrio no número de publicações apresentadas.

3.2 COMO AS MULHERES SÃO RETRATADAS NO CAMPO ESPORTIVO?

O primeiro artigo é uma pesquisa documental, que utiliza como fontes, os documentos do acervo do CRD/PR do Arquivo Público do Paraná (APP) e como complemento e ferramenta de confronto foram utilizados os periódicos consultados no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (Silva; Capraro, 2022).

Os documentos analisados são 4 telegramas que foram trocados entre Conselho Regional de Desportos do Paraná (CRD/PR) e o Conselho Nacional de Desportos (CND). Em que a entidade paranaense solicitava uma autorização para o acontecimento de uma partida de futebol feminino no Paraná, e foi negada pelo CND devido o Art. 54 do Decreto-Lei 3.199/1941, que proibia as mulheres de praticar qualquer desporto incompatível com as condições de sua natureza. Mesmo com o pedido de autorização negado, encontraram indícios em jornais paranaenses de que a partida de futebol de mulheres aconteceu enquanto o decreto ainda estava em vigor (Silva; Capraro, 2022).

Na época deste decreto o papel que era imposto às mulheres era apenas de cuidar do marido, dos filhos e da casa, desta forma, a prática de exercício físico para a mulher era focada apenas no fortalecimento de seu corpo visando à reprodução (Goellner, 2005;

Mourão, 2000, *apud* Silva; Capraro, 2022, p. 2). Portanto o artigo mostra, que mesmo com essa visão sobre a mulher daquela época, o Estado paranaense deu apoio para que uma partida de futebol feminino acontecesse mesmo com a proibição. Sendo assim, o artigo tem como objetivo “descrever e analisar a trajetória do futebol feminino no Paraná, buscando entender as relações da lei versus desobediência civil” (Silva; Capraro, 2022, p.3).

A discussão do artigo foi dividida em duas partes, a primeira com o título “Entre acrobacias, balanças da morte e rãs humanas: dos picadeiros aos gramados” que descreveu como era tratado o futebol de mulheres nos jornais encontrados até o evento citado nos telegramas (1934 – 1950). E na segunda parte da discussão do artigo, “O ineditismo do futebol feminino no Paraná?” O propósito foi associar os telegramas e os periódicos de jornais estudados no artigo.

A autora mais citada no artigo foi a Silvana Vilodre Goellner, que trouxe conceitos sobre a mulher e seu principal papel na sociedade da época, a reprodução. Outro que contribuiu para pesquisa foi o artigo do Luiz Carlos Rigo e colaboradores (2008) que escreveram sobre o futebol feminino durante a década de 1950.

O futebol de mulheres no estado do Paraná entre 1934 até 1943 era apenas atração nos espetáculos de circo, as regras não eram muito claras, não sendo um esporte naquele momento e sim uma manifestação artística. O que atraía as pessoas para assistirem aquela partida era a curiosidade e a estranheza nas participantes. Nesse momento o futebol de mulheres estava em um lugar de ridicularização. Só no início de 1940 foram encontrados nos jornais paranaenses da época, indícios de que o futebol feminino estava virando um esporte de fato (Silva; Capraro, 2022).

Então em 1941 o artigo 54 entrou em vigor e foram quase uma década sem notícias do futebol feminino, apenas os feitos internacionais. A falta de notícias sobre futebol feminino só terminou ao final de 1950. Quando começaram a publicar sobre uma partida de futebol em que só teriam mulheres, foram várias notícias a respeito da partida, mostrando o quanto a população estava entusiasmada, publicaram até uma crônica com o título “Evas de chuteiras”.

“[...] hoje fumam, guiam automóveis, dirigem táxis e caminhões, aprendem jiu-jitsu, e usam ‘shooteira’, disputam acirradas partidas de futebol, com o mesmo entusiasmo dos homens ou talvez com mais, e até ‘xingam’ o juiz quando este banca o Pereira

Peixoto” (DIÁRIO DA TARDE, 15 dez. 1950, p. 3, *apud* Silva; Capraro, 2022, p.9).

Mesmo com toda a procura o jogo foi adiado, a organização justificou que a data estava próxima das festividades de final de ano. Então foi publicada uma nota no jornal, O Dia, avisando sobre esse adiamento. Ao relacionar as notícias de jornais e os telegramas, foi verificado que um dia antes desse adiamento, a CND havia enviado um telegrama informando sobre a proibição do futebol feminino (Silva; Capraro, 2022). A entidade que estava organizando esse evento era a Associação dos Cronistas Esportivos do Paraná (ACEP/PR), pioneira na organização de jogos de futebol, exclusivamente, para mulheres (RIGO *et al*, 2008, *apud* Silva; Capraro, 2022, p.9).

O assunto sobre o jogo de futebol feminino volta a aparecer nos jornais em 14 de março de 1951, informando que o jogo aconteceria dia 18 de março, três meses depois do adiamento da partida. O jornal O Dia, relatou que a busca por ingressos e reservas era muito grande e seriam vendidos antecipadamente, por causa da imensa procura (Silva; Capraro, 2022). Portanto, o artigo além de mostrar o caminho percorrido para que essa partida fosse realizada mesmo que na clandestinidade, também apresenta algumas fotos das meninas que jogaram naquele dia, da equipe campeã e da bilheteria de ingressos. Por fim, o estádio lotou, a população compareceu e o jogo aconteceu (Silva; Capraro, 2022).

Ao analisar esse artigo, podemos perceber que o futebol feminino percorreu alguns cenários bem diferentes, primeiro sendo uma atração de circo, numa forma de espetáculo grotesco. Quando praticado na forma de esporte, logo foi proibido com argumento de que seria perigoso para as mulheres e que não era adequado para sua natureza, então passam-se quase uma década sem relatos do futebol de mulheres, até que a ACEP/PR organiza esse evento de futebol feminino, que mesmo sendo adiado, aconteceu três meses depois (Silva; Capraro, 2022).

O artigo mostra que mesmo com a CND proibindo o acontecimento devido o artigo 54, a ACEP/PR incentivou e auxiliou esse evento, em um ato de desobediência civil, deixando evidente que a lei era uma questão política e não popular. Mesmo com essas resistências ao decreto ao longo da proibição, não se pode calcular os danos que essas imposições legais geraram ao futebol de mulheres (Silva; Capraro, 2022).

O artigo conclui que o futebol de mulheres por muito tempo foi descoordenado em suas ações, havia muitos limites sociais estabelecidos para as mulheres naquele contexto histórico e tais limites impediram o avanço da modalidade por muitas décadas.

O segundo artigo é um dossiê temático que teve como objetivo analisar a presença feminina no futebol. Traçando a trajetória do futebol de mulheres, a partir de artigos e fontes sobre o protagonismo da mulher nessa modalidade. A autora (2021) afirma que o assunto sobre protagonismo feminino no futebol ainda é escasso e pouco explorado nas pesquisas. Então para ela, produzir esse dossiê a convite da revista Movimento é um ato político e mostra o compromisso em difundir o conhecimento nessa área tão pouco estudada.

A autora Scoot (1995, *apud* Goellner, 2021, p.9) afirma que o gênero está fundamentalmente ligado com o exercício de poder. Existe uma disputa entre homens e mulheres, com os homens dominando a maior parte dos espaços, ocorrendo o mesmo no futebol.

Foram diversas barreiras ao longo da história, proibição, preconceito, controle sobre o corpo feminino entre outros desafios. Mas as mulheres não se calaram e lutaram pelos seus direitos. Foram quase quatro décadas de proibição e desobediência (Rigo *et al.*, 2008; Cunha, 2016; Rajão, 2018; Bonfim, 2019; Elsey; Nadel, 2019, *apud* Goellner, 2021, p.3).

Por mais que tenham acontecido partidas de futebol de mulheres enquanto o decreto estava em vigor, o fato de que não poder ter competições e estas acontecerem na clandestinidade atrasou muito o desenvolvimento desse esporte para as mulheres. Apenas na década de 80, a Federação Gaúcha de Futebol em apoio a modalidade, enviou um estudo a favor da regulamentação do futebol feminino para a CND. Outro exemplo desse atraso é a primeira tentativa de copa do mundo feminina ter sido apenas em 1986 (Gabriel, 2015, *apud* Goellner, 2021, p.5) e realmente ocorrer somente em 1991, na China.

Quase 80 anos depois da proibição e quase 40 de regulamentação da modalidade, a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) cria uma regra para melhorar a situação do futebol na América Latina “a partir de 2019, os clubes que não tivessem um time de mulheres disputando competições nacionais não poderiam participar de campeonatos sul-americanos de futebol de homens” (Barreira *et al.*, 2020, p.29, *apud* Goellner, 2021, p.8). Forçando os clubes participantes das competições organizadas por eles, a investirem no futebol de mulheres, valendo a mesma regra para as categorias de base. Portanto, o artigo finaliza destacando que em diferentes momentos e lugares as mulheres criaram estratégias para vivenciar o futebol e nele conseguiram falar por si próprias e por outras, que por diversas razões, não falaram ou lutaram por seus direitos (Goellner, 2021).

O terceiro artigo descreveu o perfil das brasileiras praticantes de futebol, expondo que as relações de gênero, classe e raça estão relacionadas com adesão em determinado esporte. A análise do artigo foi baseada em estatística descritiva e inferencial, utilizando os dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD), de 2015 (IBGE, 2017, *apud* Martins; Silva; Vasquez, 2021, p.2). Os brasileiros costumam falar: “o Brasil é o país do futebol”, segundo a PNAD é o esporte mais praticado no Brasil, portanto onde está a mulher nessa afirmação e quem são essas mulheres praticantes de futebol no país?

Existem poucas pesquisas a respeito da mulher no futebol (Calheiro; Oliveira, 2018; Pisani, 2018, *apud* Martins; Silva; Vasquez, 2021, p.2), e os artigos que abordam o tema não consideram outros marcadores sociais, como raça ou classe social (Bruening, 2005; Smith, 1992, *apud* Martins; Silva; Vasquez, 2021, p.2).

O artigo começa contextualizando o início da trajetória do futebol de mulheres, nos mostrando que na historiografia tradicional o primeiro futebol de mulheres aconteceu em 1921 jogo das “senhoritas” do bairro de Tremembé e da Cantareira, em São Paulo. Mas algumas pesquisas mostram que já havia futebol de mulheres antes dessa data (Goellner, 2005, *apud* Martins; Silva; Vasquez, 2021, p.2). As mulheres jogaram futebol já na década de 1910, os jogos aconteciam em festividades entre meninas da elite (Bonfim, 2019, *apud* Martins; Silva; Vasquez, 2021, p.2). Além disso, também havia futebol de mulheres nos circos e nas áreas suburbanas, mas ao contrário do que acontecia com as praticantes da elite, essas mulheres eram rotuladas e julgadas a todo momento, nos mostrando que insultos pejorativos relacionado ao futebol feminino completam mais de um século de existência (Bonfim, 2019, *apud* Martins; Silva; Vasquez, 2021, p.2).

A pergunta que o artigo quer responder é: quem são as mulheres brasileiras praticantes de futebol no Brasil contemporâneo? Mas não as mulheres atletas e sim desconhecidas que jogam o esporte nesse país. Os dados do IBGE (2017) nos mostram que enquanto mulheres brancas de classes sociais mais altas buscam a prática de outros esportes, mulheres pretas de classe social baixa escolhem o futebol como prática esportiva. Por isso, os autores do artigo afirmam que a prática do futebol de mulheres no Brasil tem relação com a cor e a classe social. Bell Hooks (2019, *apud* Martins; Silva; Vasquez, 2021, p.4) afirma que as experiências de mulheres pretas são totalmente diferentes das mulheres brancas e que não se pode generalizar. Mariane Pisani (2018, *apud* Martins; Silva; Vasquez, 2021, p.5) também demonstrou que a prática de futebol para mulheres pretas e brancas é diferente em relação aos sentidos da prática. As mulheres

negras buscam no futebol uma oportunidade de profissão, ainda que seja difícil. E para mulheres brancas a prática de futebol está relacionada ao lazer.

Quando o artigo entra na categoria gênero, traz o conceito de que o gênero é uma construção social, cultural e linguística de como a sociedade percebe as diferenças entre os homens e as mulheres (Scott, 1995, *apud* Martins; Silva; Vasquez, 2021, p.4). O gênero e suas normas são aprendidos no cotidiano, em momentos e espaços sem harmonia e com processos e ideias não finalizadas (Meyer, 2003, *apud* Martins; Silva; Vasquez, 2021, p.4). A partir dessa afirmação, corroboramos que ao se praticar um esporte, também se aprende sobre os papéis sociais de ser “mulher” ou “homem”.

Quando se observa a gritante diferença entre a quantidade de homens praticantes de futebol e mulheres, é através dessa problemática que o artigo traz a desigualdade de oportunidades da prática entre os gêneros. Essa discussão sobre gênero, raça e esporte reforça a necessidade de não generalizar a prática das mulheres brancas, e nem limitar a discussão racial a um gênero só (Bruening, 2005; Smith, 1992, *apud* Martins; Silva; Vasquez, 2021, p.2).

Os dados utilizados como fonte são de 2015 e nesses últimos anos, com as competições internacionais, o futebol feminino vem em uma crescente muito grande, portanto o artigo termina colocando a importância de mais trabalhos que abordem o futebol de mulheres e, principalmente, com um olhar do feminismo negro, levando em consideração a diversidade de experiências femininas, com narrativas diversas e não a imposta pela supremacia branca (Martins; Silva; Vasquez, 2021).

O quarto artigo teve como objetivo mapear e explorar a produção científica relacionada ao futebol de mulheres. As mulheres tiveram por muito tempo um espaço restrito ao cuidado da casa e da prole, devido a uma suposta incapacidade corporal de desempenhar outras tarefas sociais, tarefas que eram conduzidas e particulares do homem. Hoje as mulheres buscaram a igualdade de direitos e permanecem nessa luta por espaços iguais.

No século XX eram os médicos (principalmente os homens) que definiam o que a mulher podia ou não fazer corporalmente. Acreditava-se que o futebol era tão violento que não deveria ser jogado por mulheres, a fim de evitar problemas de saúde nos órgãos reprodutores. Hoje sabemos que não há essa possibilidade, que os corpos das mulheres se adaptam assim como o corpo masculino, sabemos também que gestantes podem fazer exercício e que isto beneficia a saúde dela e não ao contrário. Dito isso, não há evidências

científicas que sugeriram uma piora na saúde da mulher em face à prática regular de exercícios físicos ou esportes, salvo os casos de lesões que também afeta os homens.

Para as autoras, o esporte ainda precisa ser conquistado como local social pertencente às mulheres, principalmente em algumas modalidades, como é o caso do futebol.

O futebol é o esporte mais popular do Brasil, mas não deixa de carregar diferenças expressivas de gênero que determina, quem pode ou não praticar, de quem é incentivado ou não é incentivado à sua prática.

As autoras destacam que o universo do futebol feminino só começou a ter relevância científica no início do século XXI, estando hoje com 30 publicações sobre o tema. E no caso do esporte, futebol de mulheres, as pesquisas relacionadas à fisiologia ou da tática do jogo ainda não apareceram, o que as autoras acreditam ter relação com o amadorismo que ainda existe em relação a prática esportiva das mulheres.

O artigo conclui apontando que as pesquisas acadêmicas relacionadas ao futebol de mulheres são iniciadas apenas no Século XXI, por isso, deve haver pesquisas mais profundas que auxiliem a modalidade no avanço necessário.

O quinto artigo buscou analisar o Instagram das atletas da Seleção Brasileira de Futebol. Os autores comentam que as fotos disponibilizadas na rede social devem ser produzidas e pensadas em suas intenções “políticas”, “éticas” e “estéticas” (Goellner, 2019).

A palavra mulher aparece para destacar que se trata da seleção feminina de futebol. Para retratar a experiência como atleta, no sentido profissional do treinamento técnico e de como isso é mostrado a partir do marketing produzido na rede social.

Após a primeira descrição das atletas o artigo se concentra na invisibilidade que já foi maior em relação ao futebol de mulheres e segue comentando avanços ocorridos nos últimos anos, como a equiparação das premiações entre mulheres e homens e a nomeação de duas mulheres a cargos de liderança dentro da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

O futebol de mulheres vai conquistar alguns avanços ocorridos nos últimos anos. Ainda que a igualdade de possibilidades só venha a acontecer a partir de 2040 considerando o contexto atual apresentado (Goellner, 2019).

Os autores também vão justificar que a partir dos resultados obtidos deveria haver mais investimento na modalidade feminina, problema que se relaciona à discriminação de gênero.

Nesse sentido, há uma afirmação da autora, que confirma a discriminação sofrida no futebol de mulheres, a saber: “Naquele contexto, uma equipe formada por mulheres que disputavam uma limitada agenda de competições em nível nacional receberia, de empréstimo, uniformes confeccionados para equipes masculinas de futebol, um indicativo de que aquele esporte não lhe era próprio e que a organização de uma Seleção feminina, pela CBF, deveria ser considerada uma concessão (Goellner, 2019, *apud* Silva *et al*, 2021, p.6).

Finalmente, o artigo se encerra ao fazer um paralelo ao contexto da pandemia que intensifica a aproximação entre o mundo das atletas e o público que as segue, por meio de vídeos postados nas redes que demonstram o contexto do futebol, os treinos e o aprendizado das atletas durante a Covid-19.

O sexto artigo se fundamenta nos estudos culturais e de gênero e analisa a representatividade de mulheres em cargos de treinadoras e auxiliares no futebol de mulheres.

A primeira fala do artigo é de exaltar a resistência das mulheres que ocupam espaços no futebol, a saber “elas asseguram sua permanência ao atestarem diariamente sua competência” e segue “elas personificam a eminente resistência oferecida pelas mulheres em espaços tradicionalmente reservados aos homens” (Novais *et al*, 2021).

O artigo demonstra uma tensão nas relações de poder entre mulheres e homens. Do mesmo modo, fica evidente uma luta frequente entre as mulheres e o campo esportivo, em resistir sempre.

O artigo vai comentar inicialmente a dificuldade de mulheres participarem do mundo do trabalho. Não sendo diferente a dificuldade enfrentada por mulheres pertencentes ao mundo esportivo. Para as autoras:

“O ambiente esportivo se apresenta como um terreno de afirmação da identidade “masculina” que preserva e reforça as desigualdades culturais entre os gêneros, reproduzindo estereótipos acerca dos papéis desempenhados por homens e mulheres” (Novais *et al*, 2021, p. 2).

Os autores argumentam que muito foi conquistado em relação às atletas do esporte, mas que os cargos de liderança seriam “uma outra realidade”, demonstrando uma baixa representatividade nesses cargos (Novais *et al*, 2021).

O futebol de mulheres vem sendo valorizado pela FIFA nos últimos anos, que tenta fazer uma ação global que evidencie a força do esporte, levando mais um produto ao espectador. A ação da FIFA é tardia, mas ainda assim valiosa e cheia de interesses de mercado.

Os autores também vão citar a CONMEBOL (2019), que regulamenta as competições da América do Sul, no teor das medidas tomadas em 2019, cuja ação foi de obrigar os times masculinos a manter ao menos duas categorias do futebol de mulheres, sendo uma juvenil e uma adulta ou não disputariam a Libertadores da América (*apud* Novais *et al*, 2021, p.4).

O alcance do futebol de mulheres havia crescido o que ofertou maiores oportunidades de trabalho em comissões técnicas, segundo os autores, “ainda que a representatividade de mulheres treinadoras e auxiliares no próprio futebol de mulheres seja baixa, aquelas que chegam a ocupar esses cargos o fazem mediante investimentos em capacitação, bem como em função do bom desempenho apresentado como atletas e/ou profissionais de Educação Física (Novais, 2018, p. 5; Novais *et al*, 2021, p.5).

Os autores comentam alguns dados acerca das entrevistadas, a saber:

“A média de idade é de aproximadamente 34 anos. A maioria declarou praticar esportes desde a infância e relatou ter começado a prática do futebol nessa mesma fase, sete delas seguiram praticando o futebol ou futsal durante a adolescência, além de atuarem em clubes e escolinhas, até chegarem à condição de atletas de rendimento na vida adulta. No que concerne à etnia, duas se autodeclararam negras, duas, pardas e outras cinco, brancas. Oito são brasileiras e uma chilena” (Novais *et al*, 2021, p. 6).

Ainda foi comentado que houve pouco incentivo, mas que quando houve veio de homens que pertenciam ao meio esportivo. O artigo aponta que sempre houve disputa e negociação para que houvesse essa participação por parte das mulheres, ou seja, relações permeadas de disputas de poder. Ainda que todas as mulheres que atuam como treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil sejam formadas em Educação Física e sejam capacitadas em outros cursos e especializações voltadas ao futebol, homens não possuem a mesma qualificação profissional.

Nesse sentido, o Conselho Regional de Educação Física (CREF) ainda não regulamentou os cargos de treinadores no Brasil, visto que os treinadores, homens, não

formados na série A do campeonato brasileiro continuam a desempenhar papéis de liderança (Novais *et al*, 2021). Finalmente, o futebol é um local de disputa do “masculino e do masculinizante”. As mulheres enfrentam desafios sobre a própria feminilidade, sobre a permanência no esporte independente de maior formação na área. A representatividade dos dados, em relação aos cargos de liderança, não acompanha as melhorias vistas em relação às atletas na modalidade (Novais *et al*, 2021).

O artigo conclui exaltando a resistência das treinadoras do futebol de mulheres que apesar de serem desvalorizadas financeiramente ainda resistem em espaços socialmente oferecidos aos homens. Sendo necessário realizar ações que enfatizem o trabalho das mulheres no futebol e deem mais visibilidade ao esporte delas.

O sétimo artigo teve o objetivo de analisar a participação das mulheres nos cargos de comissão técnica e de arbitragem no Campeonato Brasileiros de Futebol Feminino. Para os autores, o papel social imposto às mulheres no século XX limitou o acesso das mulheres a cargos de liderança no esporte. Dentro do espaço social do futebol, a proibição não impediu a prática em si, mas impossibilitou o desenvolvimento do esporte, ou seja, o profissionalismo da modalidade no Brasil.

As atletas enfrentam certas dificuldades, por exemplo, a segregação, a exclusão e a erotização dentro das variadas modalidades. Já as treinadoras recebem pouco espaço, inclusive, no próprio futebol de mulheres. Para as mulheres que trabalham com o futebol as novas regras da CBF vão favorecer a modalidade, tal regra visa obrigar que mulheres disputem os campeonatos, fazendo com que os clubes mantenham os times femininos no Brasil.

Apesar do otimismo das mulheres no geral, os autores comentam que em uma lei americana similar criada em 1972 que visava igualar o investimento do esporte entre mulheres e homens reduziu drasticamente o número de treinadoras de 90% para 43% (Passero, J. G. *et al*, 2020; Acosta; Carpenter, 2012, *apud* Passero *et al*, 2020). Pois com o crescente interesse por esportes praticados por mulheres, houve também homens que se interessaram em desenvolver seus trabalhos junto a modalidade feminina.

Apesar da formação das mulheres ser superior comparada aos homens nos cargos de liderança tal diferença não aparece nos dados, onde os homens continuam em maioria apesar de não terem o mesmo desenvolvimento acadêmico e profissional. As estruturas,

ou seja, o campo esportivo se mantém “inapropriado” às mulheres, pois não viabiliza o desenvolvimento profissional de mulheres e impede sua chegada a estes cargos de liderança (Soares, 2010, *apud Passero et al*, 2020).

As mulheres que trabalham com a arbitragem também são questionadas e precisam estar sempre demonstrando competência em seu trabalho. No mundo desportivo da arbitragem as mulheres enfrentam muita desconfiança por parte dos jogadores, das torcidas, de jornalistas etc (Forbes *et al.*, 2015, *apud Passero et al*, 2020). Os dados apontam que 15% das mulheres ocupam os cargos de arbitragem no Brasil (Calheiro, 2017, *apud Passero et al*, 2020). Já o cargo de árbitra assistente teve maior representação, sendo de 59% (Passero, J. G. *et al*, 2020).

Como analisado em todos os artigos da amostra, às mulheres seguem sendo sub-representadas nos cargos desportivos do futebol, a saber, entre os anos de 2013 até a 2019 os cargos pertencentes às treinadoras foram de 17%, as auxiliares técnicas 22%, as preparadoras físicas 15%, as massagistas 19%, as treinadoras de goleiro 5% e médicas 13% (Passero, 2020). Nesse sentido, o artigo conclui que a luta atual é por mulheres trabalhando no futebol de mulheres, quer seja em cargos de liderança, arbitragem ou da medicina esportiva.

O oitavo artigo teve como objetivo mapear a produção de artigos científicos nacionais sobre futebol e futsal feminino. Os estudos sobre gênero são um terço de toda a publicação acerca das modalidades (futebol e futsal). Há uma distribuição homogênea entre mulheres e homens quando relacionados à primeira autoria, já os coautores são em maioria homens.

Este afirma que o futebol e o futsal são populares no Brasil, sendo que ainda são modalidades marcadas por desigualdade de gênero, apesar de um aumento em relação a prática e representação feminina em ambas as modalidades (futebol e futsal). Porém, mesmo com os ganhos contemporâneos de representatividade e maior desenvolvimento, ainda há estereótipos relacionados às mulheres praticantes, quer seja, em relação à sua prática, ao corpo feminino, às habilidades e a sexualidade delas.

As autoras comentam que o século XX foi marcado por disputas sobre a participação feminina nas modalidades (futebol e futsal). Os discursos mais progressistas avaliaram como positiva a prática da modalidade, sendo os discursos contrários cheios de

advertências de como o corpo da mulher deveria se portar e nesse sentido eram sugeridas práticas mais “suaves”.

Para as pessoas da época, a prática desportiva do futebol ou futsal poderia “masculinizar” as mulheres, ou de alguma forma prejudicar o aparelho reprodutor feminino.

“Em 1999, apenas 0,7% das mulheres moradoras da cidade do Rio de Janeiro praticavam futebol no seu tempo de lazer. Quase 20 anos depois, um estudo realizado pelo Ministério do Esporte (2013) revelou que, aproximadamente, 5% das mulheres brasileiras praticam futebol e 1% pratica futsal em momentos de lazer” (Salles-Costas *et al.*, 2003; Brasil ME, 2013, *apud* Barreira *et al.*, 2018, p. 608).

As autoras comentam que apesar de algumas mulheres terem praticado futebol ou futsal durante a proibição das modalidades, isso não melhora a menor participação feminina nos esportes em geral (Goellner, 2005; Morel, 2005, *apud* Barreira *et al.*, 2018). O que também contribuiu para uma menor representação de estudos relacionados a estas práticas corporais específicas, cujo primeiro estudo é de 1990 (Barreira, 2022, *apud* Barreira *et al.*, 2018).

O artigo conclui ser um instrumento para outros pesquisadores compreenderem como se deu o desenvolvimento da pesquisa sobre o futebol de mulheres no Brasil, visando oportunizar outros estudos da área.

3.3 PRINCIPAIS ABORDAGENS, APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS ENTRE OS ARTIGOS DA AMOSTRA

Imposição Social sofrida pelas mulheres e a Resistência delas para praticarem futebol esteve presente em 7 dos artigos da amostra, sendo o artigo 5 o que não tratou dessa abordagem, discutindo então sobre Marketing, Avanços e Profissionalismo no futebol feminino (Silva *et al.*, 2021). O artigo 8 de Barreira *et al.* (2018) além de falar sobre Imposição Social e a Resistência também abordou sobre Amadorismo na Prática do futebol de mulheres.

As autoras/es de modo geral fazem um apelo para que as pesquisas avancem, pois ainda são incipientes. Sendo que estas poderão contribuir para consolidação do futebol de mulheres no país.

Houve algumas distinções entre os artigos que foram caracterizadas em categorias, a saber: **Proximidade em Tempos de Pandemia (Instagram); Cargos de Liderança, Arbitragem e Medicina Esportiva e Pesquisa Acadêmica Brasileira e sua Contribuição com o Tema**, visto que os artigos dispõem de muitas similaridades na justificativa, objetivo e contexto.

Todos os artigos combateram os papéis (ordem) de gênero; quase todos os artigos trouxeram alguma informação do período da proibição do futebol de mulheres, sendo o de Novais (2021), o único a não fazer menção a proibição da década de quarenta.

Os artigos da amostra são próximos em suas narrativas, a saber: apontamentos históricos; imposição social; resistência; dados quantitativos que contextualizam a modalidade e amadorismo da modalidade.

De modo geral, estes trouxeram reflexões sobre o período histórico e ou contemporâneo da modalidade, comentando possíveis equívocos históricos que fizeram a modalidade permanecer por muito tempo na clandestinidade ou momentos mais recentes que evidenciam avanços importantes. Nesse sentido, muitas vezes o campo esportivo foi um reflexo dos outros campos sociais e políticos nos quais a mulher ainda luta por igualdade.

Após a análise dos artigos selecionados é necessário argumentar a urgência em ressignificar o esporte e o futebol como um espaço social e cultural pertencente a todas/os. Foi notada uma grande defesa ao espaço da mulher na vida pública, social e desportiva. Do mesmo modo, é visível que a conquista ainda é recente e por isso há resquícios de preconceitos de gênero afirmadas em papéis de gênero demarcados.

O conceito de masculinidade hegemônica foi proposto há algumas décadas e se mantém atual até os dias de hoje. Tal conceito dialoga acerca das masculinidades, experiências e vivências que ocorrem a partir do corpo masculino (Connell, Messerschmidt, 2013 p. 242). Para os autores:

“A literatura sobre o “papel sexual do homem” na psicologia social e na sociologia reconheceu a natureza social da masculinidade e as possibilidades de transformação da conduta dos homens. Ao longo dos anos 1970 houve uma explosão de escritos sobre o “papel masculino”, nitidamente criticando as normas sobre papéis como origem do comportamento opressivo dos homens. A crítica à teoria

dos papéis forneceu a base conceitual principal para o primeiro movimento de homens antissexistas” (Connell, Messerschmidt, 2013 p. 243).

Alguns estudos se concentraram em entender a opressão masculina, que por vezes é sentida pelos próprios homens que não se encaixam nos estereótipos de gênero, como é o caso da comunidade LGBTQIA+(Connell, Messerschmidt, 2013 p. 244). Para os autores, existe uma hierarquia das masculinidades que oprimem as experiências distintas do que não é “universal”.

“A masculinidade hegemônica foi entendida como um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (Connell, Messerschmidt, 2013 p. 245).

A masculinidade hegemônica não é unânime, porém, ela cria um padrão normativo de comportamento masculino que exige dos homens uma posição de legitimidade e de manutenção desta masculinidade e dominância. Ainda que nem todos os homens se mantenham em um padrão único, eles possuem exemplos “únicos” que carregam o simbolismo da masculinidade hegemônica. Em outras palavras, não existe só um tipo único de homem, contudo alguns homens se tornam símbolos de respeito masculino, por exemplo, atletas, militares, atores e outros (Connell, Messerschmidt, 2013 p. 245). Nesse sentido, o entendimento do que é ser homem se altera dependendo do espaço social e do tempo histórico em que se vive.

“Esses conceitos eram abstratos em vez de descritivos, definidos em termos da lógica do sistema patriarcal de gênero. Assumiam que as relações de gênero eram históricas e, dessa forma, as hierarquias de gênero eram sujeitas a mudanças. Nesse sentido, as masculinidades hegemônicas passaram a existir em circunstâncias específicas e eram abertas à mudança histórica. Mais precisamente, poderia existir uma luta por hegemonia e formas anteriores de masculinidades poderiam ser substituídas por novas. Esse foi um elemento de otimismo numa teoria de outra forma bastante sombria. Talvez fosse possível que uma maneira de ser homem mais humana, menos opressiva, pudesse se tornar hegemônica como parte de um processo que levaria à abolição das hierarquias de gênero” (Connell, Messerschmidt, 2013 p. 245).

Nesse sentido, a masculinidade hegemônica ajudou a conceituar o entendimento da identidade masculina e suas representações, inclusive auxiliando na compreensão da

masculinidade nos esportes. Principalmente quando se tem em mente os esportes de contato que são uma espécie de “símbolo” da “masculinidade” e da virilidade. Sendo comum ataques às outras identidades, como os LGBTQIA+ e mulheres nestes campos esportivos (Connell, Messerschmidt, 2013 p. 246).

“A masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular” (Connell, Messerschmidt, 2013 p. 250).

Finalmente, é extremamente necessário ressignificar os papéis de gênero, ou ordem de gênero, no sentido de trazer reflexões mais flexíveis acerca das vivências e experiências corporais de gênero (mulher, homem e não binário) a fim de não naturalizar atividades e tendências que não se findam nas relações de gênero especificamente, mas que podem e devem pertencer a todas/os (Connell, Messerschmidt, 2013 p. 246).

Por fim, os artigos demonstraram certa evolução na modalidade feminina, como a regulação da CONMEBOL (2019) acerca da obrigação de clubes esportivos brasileiros manterem ou criarem modalidades femininas de seus respectivos clubes. Os artigos nos mostram que ainda há muito o que ser feito em relação aos cargos de liderança, a ressignificação da prática corporal como um esporte pertencente a todas/os sem discriminação e a escassez de produções científicas sobre a temática.

4. O PAPEL DA MULHER NO FUTEBOL BRASILEIRO CONSOANTE RELATO DE EX-ATLETA

“Eu não posso ficar longe disso, foi minha vida inteira.”
(Leda Abreu).

Ante de iniciar o capítulo é importante informar ao leitor que toda a produção acadêmica em sua totalidade foi utilizada de modo a contextualizar a fala da ex-atleta Leda Maria Cozer Abreu, importante personagem do futebol de mulheres.

O objetivo deste capítulo é identificar no relato da ex-atleta de futebol Leda Maria Cozer Abreu elementos que possibilitem a compreensão da inserção da mulher no futebol feminino no Brasil, bem como as dificuldades e superações para a consolidação dessa prática corporal. O relato completo pode ser lido no Apêndice I.

Para tanto, faremos uma breve apresentação da entrevistada, Leda hoje é uma ex-atleta formada em educação física, treinadora, comentarista e analista de desempenho e a seguir, na figura 1, a Leda participa como comentarista da equipe do Sportv.

FIGURA 2. LEDA PARTICIPANDO DA EQUIPE DO SPORTV NAS TRANSMISSÕES DE JOGOS DO FUTEBOL FEMININO DURANTE AS OLIMPÍADAS DE 2016.



Fonte: Museu do Futebol.²

² Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/706086/> acesso em: 13 out. 2023.

Leda Maria Cozer Abreu atuou como meio campo no Radar em 1980, foi atleta da Associação Sabesp em 1990, representou a Seleção Brasileira de Futebol em 1995, na segunda Copa do Mundo do futebol de mulheres. Entre 1996 e 2000 atuou no Vasco da Gama, conquistando o tetracampeonato estadual e o penta campeonato carioca pelo clube (MUSEU DO FUTEBOL, 2020)³.

FIGURA 3. LEDA ATUANDO PELA SELEÇÃO BRASILEIRA.



Fonte: Museu do Futebol.⁴

Foi uma das pioneiras no futebol de mulheres no Brasil, sendo atleta da primeira Seleção Brasileira Olímpica de 1996 em Atlanta nos Estados Unidos (NETO; V. F., 2021)⁵.

FIGURA 4. FOTO OFICIAL DAS JOGADORAS E COMISSÃO TÉCNICA DOS JOGOS OLÍMPICOS DE ATLANTA, EM 1996.



³ Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/615639/> acesso em: 13 out. 2023.

⁴ Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/615639/> acesso em: 13 out. 2023.

⁵ Disponível em: <https://olympics.com/pt/noticias/os-25-anos-da-primeira-selecao-brasileira-feminina-de-futebol-em-jogos-olimpicos> acesso em: 13 out. 2023.

Fonte: Acervo Museu do Futebol | Coleção Rosilane Motta (Fanta).⁶

Além de toda importância por sua trajetória e vivência no futebol de mulheres, hoje ela é integrante do Grupo de Pesquisa Mulheres do Futebol (GEMF), formado pelas ex-jogadoras Dilma Mendes, Juliana Cabral, Márcia Tafarel, Thais Picarte e pela pesquisadora Silvana Goellner. Leda é mais que uma ex-atleta de futebol, é uma mulher que luta pela melhora da modalidade, jogou, estudou, viveu e ainda vive o futebol até hoje. Uma das personagens na trajetória de luta, resistência e conquistas do futebol de mulheres.

Leda quando criança começou a brincar com a bola nos pés junto da molecada do bairro e da escola em que estudava. Na educação física, a aula era dividida por gênero, Leda não se recorda de praticar futebol, apenas handebol sendo goleira. A prática de futebol/futsal na escola acontecia quando não havia responsáveis por perto, conta-nos a ex-atleta:

É como se fosse o handball, fosse um esporte de meninas e o futebol fosse um esporte para meninos. Porém, quando saíam eles (os professores de educação física), eu tava lá, a vá jogando futebol com a molecada (Entrevista).

Portanto, a ex-atleta mostra em suas palavras como acontecia a relação com o futebol no contexto escolar e os dribles necessários que as meninas precisavam dar para poder jogar “o jogo dos meninos”.

A educação física e a prática de futebol pelas mulheres eram incompatíveis ao olhar da área desde antes da Leda nascer, as discussões eram de costumes morais e biológicos, trecho retirados pela autora de um artigo publicado em 1940 na Revista Educação Physica (1940, *apud* Soares De Almeida, 2019), a saber:

“Não negamos à mulher os mesmos direitos concedidos aos homens, porém não compreendemos que a mulher interprete essa igualdade procurando imitá-lo física, moral e intelectualmente, testemunhando dessa maneira uma superioridade inexistente. Sim, porque só

⁶ Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/706432/> acesso em 13 out. 2023.

almejamos igualar o que nos supera. Quanto às qualidades morais que todos os esportes coletivos desenvolvem, achamos ser o futebol, pela sua natural violência, um exacerbador do espírito combativo e da agressividade, qualidade incompatível com o temperamento e o caráter feminino. Quanto ao desenvolvimento intelectual, facilmente concordamos que o futebol não é dos mais eficientes. Portanto, não sendo aconselhado por motivos higiênicos, físicos ou morais, não será pelo seu reduzidíssimo valor intelectual que a mulher o vá praticar. Assim, pelas razões acima expendidas, que envolvem matéria de ordem técnica, é nossa opinião ser o futebol, para a mulher, anti-higiênico e contrário à natural inclinação da alma feminina" (Ballarany, 1940 p. 36; *apud* Goellner, 2005 p. 148, *apud* Soares De Almeida, 2019, p.7).

Mostrando os longos anos em que a educação física negligenciou a prática de futsal ou futebol para as meninas nas aulas de educação física, retirando assim possibilidades de aprendizados e experiências corporais e reforçando os estereótipos de gênero. Leda nasceu no período em que o decreto Art. 54 ainda estava em vigor e apenas na sua adolescência ele foi revogado, então isso explica por que a Leda não teve futebol na educação física escolar.

Leda relata que quando adolescente, entre seus 12 e 13 anos, aconteceu um campeonato em que não pôde jogar como jogadora de linha, apenas como goleira.

Num, num, numa coisa assim, de terrão, né? Tinha torcida tudo com Bandeira não sei o quê, mas tipo, não permitiram que eu jogasse na linha. Olha (Entrevista).

O incentivo quase “natural” aos homens em experienciar o mundo esportivo, do lazer a da prática corporal variada, faz parte da concepção criada na qual os homens devem se identificar com esse papel masculino esportivo e dominante, diferentemente, as mulheres não são incentivadas da mesma maneira, tanto contemporaneamente e anteriormente, foram retiradas desses espaços pertencentes às práticas corporais (Coakley, 1990).

Considerando essa situação como um momento em que foi barrada de jogar com os meninos.

Então isso. Isso foi um impedimento, né? E na época eu não sei o que aconteceu, não sei quem foi que organizou, eu sei que eu fui ser goleira e acabou que a gente venceu, né? (Entrevista).

Connell (2011) vai tratar da “cidadania feminina” e os direitos humanos, demonstrando a importância de enfrentar as causas complexas da “discriminação e desigualdade” que vai ocorrer em diversos níveis e contextos sociais. Sendo importante organizar parcerias e combater a cultura da discriminação.

Em relação às crianças, Leda destacou em sua fala que as crianças do bairro iam à sua casa chamar para brincar de bola. Inclusive afirma que:

Mas eu era tipo assim, há há, vai escolher o time você, se não fosse a primeira a ser escolhida, era a segunda. (Entrevista).

Os estudos de Darido nos mostram que em 2002 já estava acontecendo uma mudança das relações de gênero na educação física escolar e que as meninas naquele momento estavam experimentando e praticando o futebol nas aulas de educação física. Já Souza Jr. (1991, *apud* Darido, 2002, p.8) constatou que a maior parte das participantes de sua pesquisa publicada em 1991, tinham vivenciado a prática do futebol, mas não aparecia essa vivência nas aulas de educação física naquele período (Souza; Darido, 2002).

Então por parte das crianças que ela brincava, elas reconheciam sua habilidade com a bola nos pés e segundo ela não havia preconceito por ser uma menina. Leda não teve a oportunidade de ter o futebol em suas aulas de educação física, não pôde participar do campeonato como os meninos participaram, mas resistiu, jogou e se tornou atleta profissional de futebol e futsal, brincando com a bola nos pés em tempos que o futebol de mulheres transitou entre proibição, resistência, conquista, aceitação, regulamentação e avanços na modalidade. Sendo uma pessoa com muita importância na trajetória do futebol feminino e que até hoje vive do futebol.

Em 1981, quando tinha 14 anos começou a jogar em uma equipe só com mulheres, junto de uma amiga que jogava com ela, afirmando que as duas eram as únicas meninas que jogavam futebol naquele contexto de vivência dela:

porque eu jogava bola, bola na rua com molecada e com uma menina, que inclusive foi jogar comigo nesse time em 81, porque foi a irmã dela que conseguiu pra gente. Pô um time só de mulheres, olha que legal que até então éramos nós duas jogando no meio de uma molecada, né? (Entrevista).

Brittos e Santos (2012) abordam que nas últimas 4 décadas, o potencial de crescimento e atração que o futebol alcançou, em relação a publicidade das marcas é gigante. Enquanto o futebol feminino ainda está se consolidando (*apud* Lima; Januário; Leal, 2022, p.4).

O conceito de dominação masculina demonstra que tais diferenças demarcadas no cotidiano vão se tornando naturais aos agentes. Ainda que as diferenças biológicas sejam utilizadas de modo a justificar e naturalizar o que é construído socialmente (2002, *apud* Silva, Mendes, 2020). O futebol é demarcado como um espaço social masculino que reflete a imagem masculina e que preza pelo desempenho da força, agilidade, habilidade e resistência. Sendo que tais atributos não são admitidos ao corpo feminino.

O relato de Leda nos mostra que mesmo com a proibição, havia mulheres que praticavam futebol e futsal, além disso, afirma não se lembrar de saber que era proibido. Os estudos de Silva e Capraro (2022), apresenta através de telegramas e jornais da época que as mulheres jogavam futebol mesmo com a proibição e que as entidades paranaenses promoveram um jogo de futebol de mulheres durante o período do decreto.

Isso é muito. Se alguém me contou isso. Isso não ficou marcado na minha cabeça. Sinceramente, eu não sei, sabe? Eu não tenho assim. É. É alguma, alguma memória? Que tipo, pô, a gente joga futebol, mas aí a gente é proibida de jogar e tipo, quando eu comecei já tinham meninas. Que já tinham 5 anos mais do que eu, 10 anos mais do que eu estou, tinha. Eu tinha 14. Eu já jogava com meninas de 24 de 25 (Entrevista).

Houve proibições acerca do futebol para as mulheres em diversos países, mas a própria CONMEBOL citou dois exemplos:

“Football Association da Inglaterra proibiu as meninas do futebol de usarem os campos ou qualquer outra instalação associada à FA. Proibição que também ocorreu em nossa região e que foi documentada principalmente no caso do que aconteceu no futebol brasileiro, entre 1941 a 1979, quando as mulheres não podiam jogar futebol publicamente, pois havia uma legislação que proibia às cidadãs o acesso

a este esporte, a pretexto de zelar pela sua “integridade procriativa” e evitar que o frágil e delicado corpo feminino fosse afetado na sua capacidade de conceber filhos saudáveis pela excessiva atividade física dirigida aos homens” (CONMEBOL, 2020).

Quando Leda entrou para um time de mulheres em 1981 não tinha nenhuma visão de carreira, até porque em 81, fazia apenas 2 anos que a prática do futebol por mulheres não era proibida. Então não haveria qualquer perspectiva profissional, diante de todo contexto da época, Leda jogava futebol por diversão e brincadeira. Sendo assim, Leda afirma em seu relato: “*sem o sonho de uma menina ser jogadora de futebol, entendeu?*” (Entrevista).

Acerca do futebol de mulheres, o imaginário social segue cheio de preconceitos, o que leva a desvalorização do esporte. Silva e Mendes (2020) trouxeram a teoria de Merleau-Ponty (1999, *apud* Silva, Mendes, 2020) e sua compreensão de corpo. Nesse sentido, as autoras argumentam que o corpo está sempre em construção e reconstrução por meio da nossa existência. Os corpos femininos e masculinos são demarcados por seus efeitos sociais a depender do contexto social e cultural vivenciado, contudo, o esporte parece evidenciar maiores distinções acerca do gênero. “É provável que isso ocorra porque, ainda hoje, tendo como alicerce uma visão de corpo padrão, estereotipado e discriminado a partir das aptidões físicas aceitas socialmente, considera-se a ideia de práticas esportivas indicadas para homens e outras, para mulheres” (Pereira, De Souza Mendes, 2020, *apud* Silva, Mendes, 2020).

Leda não nos disse o nome desse primeiro time em que atuou, mas com algumas pesquisas, foi identificado que esse time era Esporte Clube Radar, fundado em 1932, um clube de futebol amador, um dos pioneiros no desenvolvimento do esporte. Após o término da proibição de 1941, dois anos depois, em 1981, o empresário, presidente e técnico do Radar, Eurico Lira, começa a equipe feminina do Esporte Clube Radar (Museu do Futebol, 2020).

“De acordo com o jornal (Brasil, 1996, p.5), em rápido resumo da história do esporte, a explosão do futebol feminino no país ocorreu na década de 80. O time carioca Radar colecionou títulos nacionais e internacionais. Em 1982, conquistou o Women’s Cup of Spain, derrotando Seleções da Espanha, Portugal e França” (Darido, 2002, p. 3).

Em 1990 entrou para equipe de futsal da Associação SABESP ao mesmo tempo que também jogava no campo: "*minha vida sempre foi paralela, campo e futsal, campo, futsal, campo, futsal, campo futsal, vida inteira a vida inteira* " (Entrevista). Leda além de conciliar a paixão dela entre futebol e futsal, também precisou trabalhar para sobreviver. Nesse momento Leda estava jogando apenas por **lazer**. Leda só iria ser remunerada ao final da sua carreira.

Muitas mulheres foram excluídas, mas nem todas de fato pararam de jogar com a proibição. A pesquisa de Bandeira e Costa (2019, *apud* Almeida-Silva; Ribeiro, 2022, p.4) identifica que familiares influenciam diretamente na vida da criança, impactando nas escolhas e brincadeiras. Por isso essa separação entre os gêneros pode ocorrer desde a infância, por influência dos adultos e permanecendo por gerações. Apesar dessa diferenciação entre os gêneros, não significa que não existiram meninas e mulheres interessadas pela prática, assim como a Leda se interessou desde a sua infância, sem o incentivo da prática nas aulas de educação física de sua escola. Com isso, as pesquisas de Darido (2002) questionavam por que mesmo com todos os impedimentos as mulheres ainda quiseram jogar o esporte:

"A pergunta que nos colocamos por ora é a seguinte: Como e por que, apesar de todas as posições contrárias, as mulheres iniciam a prática do futebol no país? Quais as barreiras enfrentadas por elas? Qual a situação atual do futebol feminino no país? Qual o papel da Educação Física e do futebol feminino na escola?" (Darido, 2002, p. 3).

Leda complementa falando da difícil relação do futebol de mulheres e a falta de estabilidade e profissionalismo da modalidade:

Eu tinha que trabalhar e eu tinha que jogar para me manter, né? Até o Vasco eu não tinha uma remuneração assim. Legal, entendeu? E aí, quando eu fui com jogar no Vasco, primeiro fui jogar futsal. Em 92, e aí, logo depois de montarem futebol de campo e aí acabou o futsal. Eu fiquei só no campo, aí fui jogar em outra equipe. Futsal em São Paulo no, SABESP. E aí também, paralelamente, então, nessa época, acho que de 93 até 2000, é até 2000, quando eu parei, foi quando eu realmente é. É. Eu posso dizer que eu fui uma profissional do futebol, né? Porque eu realmente eu vivi do futebol, né? Nesse período. É, e é isso (Entrevista).

O futebol feminino passou por vários momentos, Silva e Capraro (2022) em seu estudo mostram que entre 1934 e 1943 o futebol de mulheres era uma atração de circo, não tinha regras, já em 1940 os jornais paranaenses já tratava o futebol de mulheres como um esporte, até que em 1941, surge um decreto que proibia de forma implícita o futebol feminino (Silva; Capraro, 2022). Apenas no ano de 1979 o decreto foi revogado, contudo, a regulação do futebol feminino demorou mais quatro anos e sem a regulamentação o esporte não poderia ser jogado. A proibição impediu por muitos anos o desenvolvimento da modalidade.

Leda só foi começar a receber alguma remuneração a partir de 1994 "*e aí olha o espaço de tempo que tem de 81 até 94.*" (Entrevista) afirmou Leda. Foram 13 anos jogando sem qualquer tipo de remuneração. "*O futebol, futebol de mulheres na minha época a gente não, não teve essa remuneração. Né? E eu só fui ser começar a ser remunerada, final da minha carreira*" (Entrevista).

Sobre o contexto político da regulamentação do futebol de mulheres, alguns anos antes, em 1977, foi instaurada à época uma CPMI (Comissão Parlamentar Mista de Inquérito) que tratou a saber: “da posição subalterna da mulher na sociedade”, com o objetivo de propor soluções. O Senador Nelson Caneiro (MDB- Guanabara) propôs a CPMI, que ficou conhecida como a CPMI da Mulher. A CPMI tinha como objetivo dar igualdade a mulher em diversas áreas, inclusive nos esportes.

A relatora da CPMI foi a deputada Lygia Lessa Bastos, que representava sozinha todas as brasileiras no Congresso, ou seja, uma CPI com 22 representantes, apenas a relatora era mulher. O que por si só demonstra a composição dos cargos de poder da época.

Um dos muitos objetivos da CPMI era a liberação de todos os esportes para as mulheres. Segue o trecho retirado do relatório final produzido pela deputada Lessa Bastos:

“Revogar as determinações vigentes que limitam, quanto à mulher, as modalidades de esportes que pode praticar. E assegurar e mesmo estimular a presença de mulheres nas direções dos órgãos desportivos brasileiros, escolhendo para tais missões, ao lado dos homens, aquelas que notoriamente estão capacitadas a oferecer ao país importante contribuição nesse setor” (Brasil, 2023, Edição 103).

Como não havia jogadoras de futebol e nem atletas de determinadas modalidades a CPMI chamou a ex-nadadora Maria Lenk para dar o seu depoimento acerca do tema, a saber:

“É uma quantidade irrelevante. Atribuo isso ao futebol, porque é nosso esporte nacional. Através do esporte se revelam, se projetam os campeões, os ídolos do povo que merecem imitação. Veem-se terrenos baldios transformados espontaneamente em campo, e eles são ocupados por quem? Por garotos, meninos. A pelada de adultos, também por homens. O clube de futebol, quem em qualquer povoado não falta, é sempre só dos homens. A restrição (ao futebol) se reflete no ingresso da mulher no esporte (em geral), porque ela não tem a quem imitar” (Brasil, 2023. Edição 103).

Maria Lenk foi uma importante atleta brasileira, sendo a primeira a competir nos Jogos Olímpicos de 1932. A atleta também se formou, na primeira turma feminina, em Educação Física em 1936. A seguir algumas fotos retiradas do site Museu do Futebol que ilustram esses acontecimentos.

FIGURA 5. PENTA CAMPEONATO CARIOCA EM QUE A LEDA PARTICIPOU.



Fonte: Museu do Futebol | Acervo Leda Maria⁷

FIGURA 6. LEDA UNIFORMIZADA DE VASCO DA GAMA.

⁷ Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/726604/> acesso em: 13 out. 2023.



Fonte: Museu do Futebol |Acervo Leda Maria.⁸

Quando entrou no Vasco ainda trabalhava, só parou de trabalhar quando o Vasco começou a pagar melhor e mesmo assim ainda fazia parte de uma equipe de futsal (Associação SABESP) que também pagava uma remuneração, havendo uma conciliação antes entre emprego, futebol e futsal e depois seguiu conciliando futsal e futebol na sua trajetória profissional. Sendo então remunerada pelo clube Vasco da Gama e Associação SABESP.

Durante a trajetória de Leda no Vasco os campeonatos tinham nomes diferentes, então alguns dos campeonatos conquistados na época infelizmente não são reconhecidos atualmente. Sendo assim Leda explica:

Até 2013. Era chamada taça Brasil, mas era Campeonato Brasileiro. E aí eu aí, tipo assim. É o Santos, do Pelé. Ele jogou lá um campeonato Sul-americano em 1920. Putz. E aí que que aconteceu? A CONMEBOL reconheceu o Santos de Pelé por ter sido campeão lá no porquê viram que aquilo representava, um, um campeonato Sul-americano. Vocês conseguem me entender? (Entrevista).

O Pelé mencionado por Leda, quando perguntado o que achava do futebol de mulheres, alguns anos antes da regulamentação, disse que o esporte era um passatempo e que não deveria ser um esporte para as mulheres (Brasil, 2023).

⁸ Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/700287/> acesso em: 13 out. 2023.

O poder patriarcal corrobora um entendimento ideológico do corpo feminino, assim como, o faz de forma dominadora e estrutural. A mulher sofre com o imaginário social e “colonial” sobre o corpo feminino. Esses corpos são erotizados, violentados e excluídos, retirando da mulher sua autonomia, bem como o seu pertencimento social e político. A violência de gênero ataca a subjetividade, singularidade, corporeidade e a cultura da mulher, quer seja de modo local e/ou global, histórica e contemporânea.

Para Betz e O'Connell (1989) os papéis de gênero:

“Homens e mulheres são socializados em diferentes estilos interpessoais e papéis de gênero. Conseqüentemente, homens e mulheres na mesma ocupação esperam-se que exibam diferentes preocupações e interesses e busquem suas carreiras de maneiras divergentes” (Betz, O'Connell, p. 318, 1989).

Com isso, Leda afirma que o Vasco é tricampeão Brasileiro e não é reconhecido, pois o campeonato é considerado apenas a partir de 2013.

Eu falei, pois é porque eu, eu, o Vasco é tricampeão brasileiro. Só que aí você conta o Campeonato Brasileiro de 2013, que foi primeiro formato caixa. Até agora. Então, de 2013 até agora, as pessoas acham que tem um Campeonato Brasileiro, só que não, e lá atrás. Fica onde? (Entrevista).

O universo do futebol ainda carrega estereótipos que atrapalham a inserção das mulheres na modalidade, assim as autoras comentam que, “tais estereótipos, por sua vez, funcionam como citação reiterada da norma que os cria, sedimentando o “sexo” e o gênero no corpo” (Vieira, Justo, Mansano, 2021). Para as autoras (2021) o corpo e as diferenças fisiológicas continuam a servir de desculpa para uma dominação e a manutenção das desigualdades de gênero. As autoras discutem como o corpo poderia se afastar da cultura? Como o corpo poderia ser só biológico? Nesse sentido, são utilizados Judith Butler e Vigarello (2000, *apud* Vieira, Justo, Mansano, 2021, p. 3), para dar luz a conceitos sobre o corpo e a construção cultural que ocorre a partir dele.

“A crescente ocupação desse território pelas mulheres contribui para a pluralização do esporte ao afirmar outras protagonistas e desestabilizar formas instituídas do poder nesse contexto, anunciando outros modos de organização e de relação possíveis no/com esporte” (Vieira, Justo, Mansano, 2021, p. 2).

Ao final de sua carreira Leda percebe uma evolução do futebol brasileiro, quando observa que suas companheiras estão tendo mais oportunidades e indo jogar fora do Brasil, Leda cita algumas de suas amigas e companheiras de time que tiveram essa oportunidade.

Pretinha, Katia Silene, Sisi, é haam, inclusive jogavam todas no Vasco comigo e começavam ir pros Estados Unidos, aí depois foram pro Japão e começavam a rodar o mundo já e foram outras meninas, porque da minha geração, a única, as únicas que foram foi a Lucia, Lucia Feitosa, que hoje que até hoje ela mora na Itália, se vocês quiserem pesquisar sobre ela, ela ainda mora na Itália, ela fez carreira lá, ela foi pra lá em 84, ela foi a primeira mulher a jogar fora(Entrevista).

Uma das atletas citadas, Lucia Feitosa, concedeu uma entrevista a Silvana Vilodre Goellner e Juliana Ribeiro Cabral em que ela relata como foi que aconteceu para ela conseguir algo inalcançável para uma jogadora Brasileira daquela época.

"A gente veio fazer uns torneios aqui na Itália que tinham clubes e Seleções. Era Seleção Brasileira entre aspas porque era o Radar, não era a seleção, mas eles pegavam a gente como a Seleção Brasileira. Tinha a China e o Japão e tinha alguns clubes da Itália, como o Trani 80 BKV, que me viu no Mundial em que fui eleita a segunda melhor jogadora. Eu perdi para uma japonesa, a menina era fera, era ponta-direita e jogava pra caramba. Aí o dirigente do Trani entrou em contato com o Eurico e eles conversaram entre federações, eu nem sabia de nada. Eu fiquei sabendo depois, quando o Eurico me falou que um clube da Itália queria me levar pra lá. Eu tomei um susto, parecia que não era verdade, era um sonho, eu falei: "Não é possível, tá acontecendo mesmo? É comigo? Sou eu?". Eles queriam eu e a Marcinha, mas ela não veio. Eu falei: "Tudo bem, eu vou. Eu quero ver o que essa Europa é melhor que o Brasil". "Foi então que surgiu o primeiro contrato que eu assinei como jogadora" (Goellner; Cabral, 2023).

Para Leda, o futebol de mulheres avançou bastante, mas ainda tem muito para melhorar, ainda podemos ver muita desigualdade e uma má gestão dos clubes com relação a modalidade feminina, colocando qualquer time de bairro para representar a modalidade feminina e não ser punido com as novas regras da CONMEBOL (2018) que tem como objetivo impulsionar o futebol feminino.

E aí que acontece, a jogadora joga ali 3 meses. Porque o Ceará é obrigado a jogar o Campeonato Brasileiro, porque ele foi classificado para jogar no brasileiro, né? Por que ele ganhou a vaga? Só que as

meninas têm 14, 15 anos de idade, cara, como é que vai jogar contra o contra o Corinthians? Vai tomar porrada? (Entrevista)

Antes da regulamentação e posteriormente, antes da obrigação imposta aos clubes pela CONMEBOL (Conmebol, 2018, *apud* Mazo, Balardin, Bataglioni), em criar times femininos com ao menos duas categorias (juvenil e adulta), o panorama era que dos 20 times masculinos, só 8 deles mantinham uma equipe feminina competitiva (Mazo, Balardin, Bataglioni, 2020).

Então precisamos de ainda mais investimentos no futebol feminino pois todos os atrasos tanto da proibição como impedimentos sociais, fizeram com que a modalidade tivesse uma perda muito grande. Com toda essa perda, surgem tentativas de impulsionar o futebol feminino com obrigatoriedades que fazem os times terem equipes femininas, mas não investindo nelas e sim buscando qualquer equipe para representar o clube, sem salários, estruturas entre outros.

No início do ano que Corinthians foi campeão. Sabe, então você tem você tem que ter um plano de ação, você tem que ter um planejamento que vai abranger todo o mundo. Eu não. Eu não, né? Disparidade é muito grande. Eu tenho um Corinthians que paga salários lá, sei lá, de cinquenta mil, cem mil. Eu tenho essas meninas passando necessidade. A gente teve o time da equipe do Vitória lá da Bahia lá, que ... na época da pandemia, a CBF jogou um recurso, não sei. Vocês ficaram sabendo disso, mandou recurso para equipe feminina, o cara simplesmente pegou, embolsou o dinheiro todo e as meninas, não tinha nem o que comer, cara. Sabe, isso acontece com a gente. (Entrevista)

Quase 80 anos depois da proibição e quase 40 de regulamentação da modalidade, a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) cria uma regra para melhorar a situação do futebol na América Latina “a partir de 2019, os clubes que não tivessem um time de mulheres disputando competições nacionais não poderiam participar de campeonatos sul-americanos de futebol de homens” (Barreira *et al.*, 2020, p.29, *apud* Goellner, 2021, p.8). Forçando os clubes participantes das competições organizadas por eles, a investirem no futebol feminino, valendo também para as categorias de base (Goellner, 2021). Nesse sentido, Leda comenta que tal obrigação se reflete em alguns clubes brasileiros que não incentivam/desenvolvem a modalidade, mas cumprem a

obrigação para manter os times masculinos disputando os campeonatos nacionais e internacionais.

Em 2019 e 2020 a CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol) apresentou o “Regulamento de Licenças de Clubes no Futebol Feminino” e “Manual Evolução de Futebol Feminino” (CONMEBOL, 2018; CONMEBOL, 2020).

O regulamento pretende impulsionar a profissionalização do futebol feminino na América do Sul, visando a melhora administrativa, esportiva, financeira, de infraestrutura e jurídica dos clubes (CONMEBOL, 2018).

“Art. 9º O presente regulamento para a Concessão de Licenças de Clubes no futebol feminino servirá de base para o Regulamento Nacional das Associações Membros” (CONMEBOL, 2020).

“c) Incorporação dos critérios mínimos estabelecidos no Regulamento de Licenças de Clubes no Futebol Feminino da Confederação Sul-americana de Futebol, para o Regulamento de Licenças de Clubes no Futebol Feminino a um Regulamento Nacional, incluindo o processo de implantação: o Regulamento de Licenças de Clubes no Futebol Feminino da CONMEBOL incorpora os princípios gerais e critérios mínimos chave estabelecidos pelo “Regulamento da FIFA para a Concessão de Licenças de Clubes” (CONMEBOL, 2018).

A CBF também decide seguir a recomendação da CONMEBOL e estabelecer que os times latino-americanos, masculinos, só poderiam competir se houvesse times femininos, sendo uma equipe feminina adulta e ao menos uma equipe de base juvenil (El País, 2019). A normatização faz parte do licenciamento de clubes (regulamento referente à Libertadores e a Sul-Americana).

Nesse sentido, a construção cultural é muito favorável aos homens e os estimula na prática e vivência de muitas atividades distintas que se complementam. Por outro lado, as mulheres não são incentivadas para práticas desportivas e já foram proibidas inclusive. (Dos Santos, Lemos, 2021, p. 225).

Sobre outras mulheres no universo do futebol, Leda comenta acerca dos cargos de liderança: *“eu tive a sorte, é sorte, nas 2 equipes. Tanto Vasco quanto SABESP, tinham mulheres nos cargos de liderança.”* Mas afirma que antes dessa época era diferente:

zero mulheres, tipo assim, no início da minha carreira, era única, exclusivamente comandada por homens, nem na parte assim, de

fisioterapia, até porque não existia massagista também não existia nada, não existe absolutamente nada, né? Então a gente só tinha realmente um homem sem comissões técnicas (Entrevista).

Os estudos de Passero *et al* (2020) nos mostram que apesar da formação das mulheres serem superior comparada aos homens nos cargos de liderança, eles continuam em maioria apesar de não terem o mesmo desenvolvimento acadêmico e profissional. As estruturas, ou seja, o campo esportivo se mantém “inapropriado” às mulheres, pois não viabiliza o desenvolvimento profissional de mulheres e impede sua chegada a estes cargos de liderança (Soares, 2010, *apud* Passero *et al*, 2020).

As mulheres que trabalham com a arbitragem também são questionadas e precisam estar sempre demonstrando competência em seu trabalho. No mundo desportivo da arbitragem, as mulheres enfrentam muita desconfiança por parte dos jogadores, das torcidas, de jornalistas etc. (Forbes *et al.*, 2015, *apud* Passero *et al*, 2020). Os dados apontam que 15% das mulheres ocupam os cargos de arbitragem no Brasil (Calheiro, 2017, *apud* Passero *et al*, 2020). Já o cargo de árbitra assistente teve maior representação, sendo de 59% (Passero, J. G. *et al*, 2020).

As mulheres seguem sendo sub representadas nos cargos desportivos do futebol, a saber, entre os anos de 2013 e 2019 os cargos pertencentes às treinadoras foi de 17%, as auxiliares técnicas 22%, as preparadoras físicas 15%, as massagistas 19%, as treinadoras de goleiro 5% e médicas 13% (Passero, 2020).

A autora Mariane da Silva Pisani, que estuda o futebol feminino desde 2010, traz algumas reflexões, demonstrando exatamente o que a Leda relata abaixo, mulheres sendo julgadas por não serem do padrão de feminilidade imposto e nos mostra alguns mecanismos de regulação e controle do corpo feminino que colocaram diversas atletas em situação de constrangimentos durante os séculos XX e XXI (Pisani; Pinto, 2021).

E aí as pessoas estão te xingando é mulher homem, é vai lavar uma louça vai, vai, é lavar roupa, vai cuidar do marido, vai isso, vai aquilo e acaba que isso, sabe, tu ficas chateada de ouvir uma coisa dessas, porque tipo assim, eu era uma menina (Entrevista).

Para Goellner a discussão se fundamenta na tríade social, a saber: a beleza, a maternidade e a feminilidade, sendo tais orientações que fundamentam o que “mostrar, esconder, disciplinar ou realçar” (*apud* Kessler, De Oliveira Alves, 2019).

No início do século XX, no Brasil, a percepção dos atores da época como, a saber: “professores da cultura *physica*, jornalista, esportistas e médicos” eram variadas, sendo os mais contrariados com a prática esportiva feminina os médicos militares (Soares De Almeida, 2019). O futebol de mulheres parecia provocar sentimentos de “revolta e a sensação de papéis invertidos” (Soares De Almeida, 2019).

E lá vem, essa mulher macho jogar bola. Não sei o quê. A gente ouvia isso o tempo todo, só que na verdade. Para a gente sempre foi uma questão de motivação. Eu acho que se a gente não tivesse isso, acho que metade, né? Da metade da nossa geração teria ficado no meio do caminho. (Entrevista)

Com os anos o futebol seguiu como um esporte de “virilidade” e foi exaltado como esporte nacional, sendo reservado aos homens, pois também tinha o entendimento de que mulheres jogadoras estariam ficando “viris” com a prática desportiva (Soares De Almeida, 2019).

Para Perrot (2005, *apud* Nascimento, Da Rocha, 2021), autor utilizado como referência, a explicação pode se dá acerca do papel invisível da mulher na história, a saber:

“Primeiramente, a sua baixa visibilidade em áreas públicas, o que era de interesse da sociedade patriarcal; em segundo lugar, as mulheres dispunham de um alcance restrito a fontes escritas a respeito do esporte, pois suas atividades domésticas “deveriam” estar sempre em primeiro lugar” (Nascimento, Da Rocha, 2021, p. 70).

Ainda para Perrot (2005, *apud* Nascimento, Da Rocha, 2021) as mulheres sempre tiveram sua experiência/vivência contada da perspectiva do homem, o que produziu muitos estereótipos acerca das mulheres. *Eu não posso ficar longe disso, foi minha vida inteira*, diz Leda ao enfatizar que dedicou a vida toda ao futebol/futsal.

As relações sociais entre mulheres e homens não são estáveis e sofrem alterações no tempo e no espaço que ocorrem. “Em outras palavras, as condições femininas melhoraram ao longo do tempo, porém o sexo masculino ainda é detentor de poder no interior das relações sociais” (Dos Santos, Lemos, 2021, p. 227) e “Não há razões biológicas para a determinação de práticas trabalhistas femininas ou masculinas, as diferenciações são ocasionadas por construções sociais” (Hirata; Kergoat, 2002; Kergoat, 2003, *apud* Dos Santos, Lemos, 2021, p.227).

Mesmo que o futebol feminino tenha público, muitos dos jogos não são comprados e transmitidos na televisão, por exemplo, em 2017 no Campeonato Brasileiro Feminino A1 e A2, dos 140 jogos, só 40 foram comprados e apenas 15 transmitidos (Mazo, Balardin, Bataglioni, 2020). Os 380 jogos do futebol masculinos foram transmitidos.

Acerca do patrocínio foi notado que enquanto o masculino recebeu cerca de 283 milhões, o feminino recebeu em patrocínios 10 milhões (Mazo, Balardin, Bataglioni, 2020).

Putz, não dá. O futebol não sai da gente, a gente sai do futebol e, mas ele não sai da gente. Eu tenho. É porque, é uma lição, eu não posso, eu não posso guardar isso que eu vivi, eu tenho, é como se fosse uma obrigação, uma responsabilidade de, [...] transmitir isso, sabe? Então melhorou, mas falta muita coisa. (Entrevista)

O entendimento acerca dos papéis estipulados desde o nascimento e do local do futebol como um espaço naturalmente masculino, por isso, quando se fala em futebol, se pensa em homens e não é necessário complementar o gênero. “Cabe lembrar, contudo, que aquilo que nomeamos como natural, na medida em que é assim nomeado, já passa a ser também uma construção cultural (Da Silva Junior, Freitas, Félix, 2019).

“Em uma sociedade marcada por binarismos que reproduzem uma matriz heterossexual (homem x mulher) em diversas atividades que permeiam o cotidiano – o trabalho, o lazer, as relações de gênero e sexuais –, cada vez mais mulheres resolvem desbravar espaços hegemonicamente tomados pelos homens, enfrentando questionamentos sobre sua capacidade física, intelectual e emocional,

evidenciando embaraços pela presença de um corpo culturalmente deslocado, produzido apenas para movimentar-se silencioso em determinados ambientes. Aos homens: os espaços públicos, as vozes de comando, as atividades físicas bruscas, viris, a liberdade sexual, a administração de uma sociedade, os postos de poder; às mulheres: a casa, a cozinha, a sutileza da agulha e do tear, a maternidade e as profissões que carregam em si os reflexos do vivenciado nestes espaços: o cuidado, o afeto, o ensino” (Da Silva Junior, Freitas, Félix, 2019).

O decreto de 1941 por exemplo esperava que todas as mulheres de modo obrigatório se preocupassem mais com a maternidade, função social imposta do que com a sua própria linguagem e expressão corporal (Brasil, 1941). Ainda antes da proibição, o futebol quando praticado por mulheres não era identificado como esporte, pois nem era respeitado com tal conceito, não era regulado, nem referendado como tal. A prática poderia acontecer em circos e teatros, visto mais como uma apresentação do que como uma prática de desempenho esportivo voltado a performance (Pessanha, 2021).

Finalmente é necessário reconhecer que dentre as violências e exclusões ocorridas ao longo do contexto histórico, das mulheres e a prática do futebol, houve e ainda há prejuízo na vivência das práticas corporais, de modo ampliado, quer seja esportiva, de lazer ou da ludicidade de experiências corporais experienciadas. Por isso é necessário formular, planejar ou executar políticas equitativas que proporcionem o incentivo das mulheres à prática corporal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho se propôs a compreender a história recente da inserção da mulher no espaço social esportivo, especificamente no futebol, no contexto da sociedade brasileira a partir de 1983 com base no relato de uma ex-atleta de futebol de mulheres e em artigos científicos que retratam a história do futebol.

Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa no modelo bibliográfico de natureza descritiva. Foi utilizado o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), para a obtenção delimitação da amostra. Definiu-se como descritores: (Mulheres OR Women) AND (Futebol OR Soccer).

A pré-análise dos artigos selecionados contendo os itens: título, resumo e palavras-chave foi feita por meio do software NVivo Realease versão 2021. A análise em profundidade ocorreu por meio da análise de conteúdo, segundo Bardin (2011). As categorias de análise tomadas como objeto de nossa investigação são: **(a) a representação da mulher no contexto esportivo**, exposta nos artigos; **(b) a produção acadêmica relacionada às mulheres, enquanto jogadora ou atleta** que são ventilados na produção científica.

Os periódicos selecionados abordaram o tema futebol de mulheres, apresentando uma trajetória de muita luta e resistência. Foram 38 anos de proibição que trouxeram muitos prejuízos sociais, de investimentos e incentivo à prática. Os artigos mostram alguns avanços na modalidade feminina, mas ainda desproporcional à modalidade masculina.

O futebol é significado como um elemento da cultura nacional e cultuado por muitos brasileiros e apesar disso a prática esportiva já foi proibida para as mulheres na década de 40. A lei que proibia as mulheres de praticar o futebol só foi vetada em 1979 e regulamentada a prática desportiva em 1983, sendo que todo esse tempo influenciou o contato das mulheres com a cultura esportiva.

Foi notado que as mulheres não tiveram oportunidade de vivenciar as práticas corporais durante muitos anos, o que dificultou na evolução de muitas modalidades esportivas, aqui evidenciamos o futebol de mulheres.

Ainda, identificamos no relato de ex-atleta de futebol (Leda Maria Cozer Abreu) elementos que possibilitaram maior compreensão da inserção da mulher no futebol

feminino, no Brasil, bem como as dificuldades e superações para o desenvolvimento dessa prática corporal.

Foi averiguado que a modalidade feminina teve avanços nos últimos anos, como: a mudança nos uniformes e obrigação imposta por entidades para que os clubes investissem em equipes femininas. Contudo, ainda há preconceito e desvalorização da modalidade. Havendo sub-representação nos cargos de liderança até mesmo dentro da modalidade feminina, além da desproporcionalidade dos salários oferecidos entre mulheres e homens que ocupam a mesma função.

A proibição também deixou outros reflexos negativos, a saber: A ausência de pertencimento ao campo esportivo de forma integral, o baixo incentivo ao esporte e o baixo investimento no futebol feminino.

Também foi verificado na produção acadêmica disponibilizada na Revista Movimento (UFRGS) que a maioria dos pesquisadores eram mulheres, formadas em Educação Física, Ciências do Movimento, Educação e História. As regiões apresentadas foram: Sudeste e a Sul respectivamente.

A abertura desse campo esportivo é um ambiente social relativamente novo para as mulheres, por isso é fundamental pesquisas que descrevam e analisem a corporeidade feminina.

Finalmente, as relações de gênero e seus papéis impostos pela sociedade foram um tema presente nas produções científicas. Desde o momento em que proibiram a prática para mulheres, estavam controlando o corpo, as escolhas e os espaços que as mulheres deveriam ocupar. Naquele contexto, o papel da mulher era apenas reproduzir e cuidar das famílias, hoje quarenta e quatro anos depois da queda do decreto, ainda verificamos resquícios da proibição e todo o preconceito da prática por mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, Miriam. **Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina**. Revista Estudos Feministas, v. 11, p. 445-465, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000200006>. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000200006>.

Acesso em: 18 dez. 2023.

ALMEIDA-SILVA, G. H. de; RIBEIRO, V. B. Futebol e futsal de mulheres: estigmas e avanços. Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon, v. 20, p. e-28992, 2022. DOI: <https://doi.org/10.36453/cefe.2022.28992>. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/28992>.> Acesso em: 2 out. 2023.

ALENCAR-RODRIGUES, R. DE.; STREY, M. N.; ESPINOSA, L. C.. Marcas do gênero nas migrações internacionais das mulheres. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 3, p. 421–430, set. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000300016>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/TPQwhZHCsjf78f5bFxpT7P/#>> acesso em: 15 out. 2023.

ANJOS, L. A. DOS . *et al.* Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. e44154, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n144154>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/8shcQYnCjtZTFXmP3pbZRNq/?format=html#>> Acesso em: 2 out. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2016. ISBN: 9788562938047. Acesso em: 18 dez. 2023.

BARREIRA, J. *et al.* PRODUÇÃO ACADÊMICA EM FUTEBOL E FUTSAL FEMININO: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física. Movimento, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 607–618, abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.80030>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mov/a/66XQWNKRKRdmm6XVywJrZZL/?format=html&lang=pt#>> Acesso em: 2 out. 2023.

BEIRITH, M. K.; ARALDI, F. M.; FOLLE, A.. Produção científica relacionada ao futebol de mulheres em teses e dissertações brasileiras na área de educação física. Movimento, Porto Alegre, v. 27, p. e27064, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.113239>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mov/a/c3DsxxsmWQKGng9d8wfnBbQ/?lang=pt#>> Acesso em: 2 out. 2023.

BETZ, Michael; O'CONNELL, Lenahan. Work orientations of males and females: Exploring the gender socialization approach. **Sociological Inquiry**, v. 59, n. 3, p. 318–330, 1989. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1475-682X.1989.tb00109.x>. Disponível em: < <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1475-682X.1989.tb00109.x> > Acesso em: 2 out. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **Como é possível ser esportivo**. In BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia, p. 136-153, 1983.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. In: **A dominação masculina**. 2010. p. 158-158.

BRASIL. **Decreto-Lei n. ° 3.199, de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. 1941. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 18 dez. 2023.

BRASIL. Senado Federal. **Agência Senado**. Edição 03, 2023.. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/futebol-feminino-ja-foi-proibido-no-brasil-e-cpi-pediu-legalizacao#:~:text=O%20veto%20come%C3%A7ou%20em%201941,as%20condi%C3%A7%C3%B5es%20de%20sua%20natureza%E2%80%9D>>. Acesso em: 2 out. 2023.

CATANI, Afrânio *et al.* Vocabulário Bourdieu. 1ª. ed. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2017. IBSN: 978-85-513-0229-3.

COAKLEY, Jay J. *et al.* **Sport in society: Issues and controversies**. CV Mosby Company, 1990. ISBN: 0801603048-9780801603044.

Confederação Sul-americana de Futebol. Manual Evolução de Futebol Feminino. 2020. Acessado em: 28 de julho de 2023. Disponível em: <<https://cdn.conmebol.com/wp-content/uploads/2023/04/Manual-Femenino-Port-Web.pdf>>

Confederação Sul-americana de Futebol. Regulamento de Licenças de Clubes no Futebol Feminino. 2018. Acessado em: 28 de julho de 2023. Disponível em: <<https://www.conmebol.com/wp-content/uploads/documents/reglamento-licencias-de-clubes-femenina-por.pdf>>

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Revista Estudos Feministas, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?format=html>. Acesso em: 18 dez. 2023.

DARIDO, Suraya Cristina. Futebol Feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Motriz**. Rio Claro, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2002.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. **Teorias do lazer e modernidade: problemas e definições**. LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 12, n. 3, 2009. DOI: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2009.846>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/846>. Acesso em: 18 dez. 2023.

El País. Da Proibição à Obrigação, o Futebol Feminino Desafia os Clubes Brasileiros, 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/deportes/1555012178_170838.html> Acesso em: 08 de agosto de 2023.

GOELLNER, S. V.. MULHERES E FUTEBOL NO BRASIL: Descontinuidades, Resistências e Resiliências. Movimento, Porto Alegre, v. 27, p. e27001, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.110157>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mov/a/BL3dbSMQpV3KyFcsqhWyQVc/?lang=pt#>> Acesso em: 2 out. 2023.

GUEDES, Simoni Lahud. O povo brasileiro no campo de futebol. 1998. (Org.). Introdução aos estudos do lazer. Campinas: Editora UNICAMP, 1997. p. 123-141. JUNIOR, A. O. Da S.; FREITAS, M. J. T.; FÉLIX, J. Corpo e tecnologias digitais: implicações de gênero no futebol feminino. Revista Tema em Educação, João Pessoa, v. 28, ed. 3, dez 2019. Disponível em: <<https://www.proquest.com/openview/6cfd059ed75d2f1f5e761a0eedd2f325/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4514812>> Acesso em: 2 out. 2023.

KESSLER, C. S.; ALVES, F. O. Uniformes esportivos de mulheres no futebol: conversões, subversões e distinções no vestuário. dObra[s], São Paulo, v. 12, n. 27, set-dez 2019. ISSN: 2358-0003. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8107411>> Acesso em: 2 out. 2023.

KUNZ, E. **Educação Física: ensino & mudanças**. Ijuí: Unijuí, 1991.

LIMA, C. A. R.; JANUÁRIO, S. B.; LEAL, D. F. DE O.. “Dibrando” a mídia hegemônica: a imprensa alternativa na propagação do futebol de mulheres. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 45, p. e2022116, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-58442022116pt>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/interc/a/gjdwvr4tjnsM6F85p8SMk3k/>> Acesso em: 2 out. 2023.

MARTINS, M. Z.; SILVA, K. R. S.; VASQUEZ, V.. As mulheres e o país do futebol: intersecção de gênero, classe e raça no Brasil. Movimento, Porto Alegre, v. 27, p. e27006, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.109328>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mov/a/nSyTQyg4K58hG39pKVxLdYP/?format=html&lang=pt#>> Acesso em: 2 out. 2023.

MAZO, J. Z.; BALARDIN, G. F.; BATAGLION, G. A. Mulheres no futebol: alterações no regulamento da Conmebol e espaço na mídia televisiva. Revista Caminhos da História, Montes Claros, v. 25, n. 1, p. 58-73, 2020. ISSN: 2317-0875. Disponível em: <<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/article/view/2626>>.

NASCIMENTO, A. T. A.; DA ROCHA, F. N. A Inserção da Mulher no Futebol. Mosaico. Revista Multidisciplinar de Humanidades, Vassouras, v. 12, n. 2, p. 69-77, mai./ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.21727/rm.v12i2.2388>. Disponível em:

<<http://editora.universidadevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/2388/1680>>
Acesso em: 2 out. 2023.

NETO, V. F. **Olympics**, 19 jul 2021. Os 25 anos da primeira seleção brasileira feminina de futebol em Jogos Olímpicos. Disponível em: <<https://olympics.com/pt/noticias/os-25-anos-da-primeira-selecao-brasileira-feminina-de-futebol-em-jogos-olimpicos>> acesso em: 13 out. 2023.

NOVAIS, M. C. B. *et al.* Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: subversão e resistência na liberdade esportiva. *Movimento*, Porto Alegre, v. 27, p. e27023, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.106782>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mov/a/kbpCcPvC89kXP4W63FS7qnP/#>> Acesso em: 2 out. 2023.

O'CONNELL, Helen. What are the opportunities to promote gender equity and equality in conflict-affected and fragile states? Insights from a review of evidence. **Gender & Development**, v. 19, n. 3, p. 455-466, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1080/13552074.2011.636571>. Acesso em: 2 out. 2023.

OLIVEIRA, Gabriela Aragão Souza de; TEIXEIRA, Ana Paula de Oliveira. Trilhando um novo caminho: a gestão esportiva. *Revista Gênero*, v. 10, n. 1, p. 101-119, 2009. DOI: <https://doi.org/10.22409/rg.v10i1.43>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30891>. Acesso em: 2 out. 2023.

PASSERO, J. G.; BARREIRA, J.; TAMASHIRO, L.; SCAGLIA, A. J.; GALATTI, L. R. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. *Movimento*, Porto Alegre, v. 26, p. e26060, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.100575>. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/100575/58052>>.

PESSANHA, Nathália Fernandes. O MUNDO DA BOLA. A PROIBIÇÃO DO FUTEBOL DE MULHERES EM DIFERENTES CAMPOS. **Esporte e Sociedade**, n. 32, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/49488>. Acesso em: 2 out. 2023.

PISANI, M. DA S.; PINTO, M. R.. Expressões e corporalidades de mulheres cis e homens trans no ambiente futebolístico. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 2, p. e79331, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279331>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/pv3nPKDzSztWrTcfP9pJbgv/?lang=pt>> Acesso em: 2 out. 2023.

SANTOS, M. R. A. D.; LEMOS, R. B. D. S. Mulheres e futebol: a cobertura sobre o Brasileiro Feminino no site globoesporte.com. *Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade*, São Luís, p. 224-240, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18764/2447-6498.v7n2p224-240>. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/18391>. Acesso em: 2 out. 2023.

SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Museu do Futebol**, [S.I.]. Centro de Referência do Futebol Brasileiro. Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/615639/>> acesso em: 13 out. 2023.

SILVA, A. L. DOS S. *et al.* Treinamento de mulheres atletas: uma análise do Instagram de atletas da seleção brasileira de futebol em tempos de pandemia. *Movimento*, Porto Alegre, v. 27, p. e27007, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.110137>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mov/a/7RV5CHcnBZRMjQFhyRvkNrw/?format=html&lang=pt#>> Acesso em: 2 out. 2023.

SILVA, J. C. C. DA .; CAPRARO, A. M.. O DESPORTO INADEQUADO À NATUREZA FEMININA: Prelúdios do Futebol feminino no Paraná (1934-1951). *Movimento*, Porto Alegre, v. 28, p. e28007, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.118240>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mov/a/sGWT7r69KgxgcgZJf3nMKJdt/>> Acesso em: 2 out. 2023.

SILVA, L. P. ; MENDES, M. I. B. S. Do corpo objeto ao corpo atlético: apontamentos sobre o futebol de mulheres. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpo, Emociones y Sociedad*, Argentina, n. 34, ano 12, p. 40-50, 2021. ISSN: 18-52-8759. Disponível em: <https://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/view/408>. Acesso em: 2 out. 2023.

SOARES de, C. A. Mulheres futebolistas. Debates sobre violência e moral durante o Estado Novo brasileiro". *Lusotopie*, v. 18.1, p. 95-118. DOI: <https://doi.org/10.1163/17683084-12341733>. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/lusotopie/3844>> Acesso em: 2 out. 2023.

VIEIRA, T. M.; JUSTO, J. S.; MANSANO, S. R. V.. Corpo e gênero na experiência inicial de jogadoras de futebol. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 2, p. e79309, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279309>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/mD8w8QXys7nBSCcb4C8pMfp/>> Acesso em: 2 out. 2021.

APÊNDICES I - TRANSCRIÇÃO DO RELATO DE EXPERIÊNCIA DA EX-ATLETA DE FUTEBOL LEDA MARIA COZER ABREU

Ester Geraldo Campelo Torres: Pronto, ah agora sim, Então, Leda, é só para dizer que estamos gravando e agora acho que a Carol começa com as questões assim norteadoras, tá? Você pode falar além, você pode falar menos, aí você fique à vontade para transcorrer sobre essas, sobre esses temas.

Leda: *Está bom.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim, vou começar. Então, como foi a sua carreira profissional?

Leda: *Hã, então, se eu te falar da minha carreira profissional, o que? toda ela como atleta, porque, a gente entende que quando se é profissional, a gente recebe alguma coisa, alguma remuneração por isso né, só que, [...], né? O futebol, futebol de mulheres na minha época a gente não, não teve essa remuneração. Né? E eu só fui ser começar a ser remunerada, final da minha carreira. Mas como eu sempre fui muito comprometida com, com atividade, né que eu escolhi para jogar, que era um lazer. É, eu joguei, eu comecei a jogar em 81, eu tinha 14 anos. Então, foi a primeira vez que eu coloquei um uniforme. E eu coloquei como foi, comecei a jogar por uma equipe de futebol, futebol, futsal. E aí começou a minha equipe minha para mim, né? A minha, a minha, a minha carreira profissional. Sendo que era como se fosse um lazer apenas, né, então. Eu comecei a jogar depois em 83 eu comecei a jogar futebol de campo e minha vida sempre foi paralela, campo e futsal, campo, futsal, campo, futsal, campo futsal, vida inteira a vida inteira. É, eu passei por vários clubes. Vocês querem que eu o detalhe isso? Isso porque, né, a gente falar de, de uma carreira. É, é, na verdade a mim, inclusive foi muito extensa, né? Então tipo.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim.

Leda: *Eu até vou. Vou tentar resumir um pouco até eu chegar até eu chegar no Vasco da Gama.*

Carolina Rodrigues Lourenço dos Santos: Hã, rã.

Leda: *Eu. Eu tinha que trabalhar e eu tinha que jogar para me manter, né? Até o Vasco eu não tinha uma remuneração assim. Legal, entendeu? E aí, quando eu fui com jogar*

no Vasco, primeiro fui jogar futsal. Em 92, e aí, logo depois de montarem futebol de campo e aí acabou o futsal. Eu fiquei só no campo, aí fui jogar em outra equipe. Futsal em São Paulo no, Sabesp. E aí também, paralelamente, então, nessa época, acho que de 93 até 2000 e até 2000, quando eu parei, foi quando eu realmente é. É. Eu posso dizer que eu fui uma profissional do futebol, né? Porque eu realmente eu vivi do futebol, né? Nesse período. É, e é isso.

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim, em relação à carreira profissional tem a ver sim, com a questão de ser remunerado.

Leda: *Sim.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Então você só passou a ser remunerada quando você jogou no Vasco da Gama, no final da sua carreira?

Leda: *De fato, de fato, e aí, o que que acontece.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Entendi, sim.

Leda: *porque nessa época, eu ainda trabalhava quando eu fui no Vasco, e aí depois eu, eu fui, eu como eles começaram a pagar melhor eu parei de trabalhar e aí veio convocação pra a seleção brasileira e aí depois disso eu vivi só do futebol e aí eu tinha essa equipe de futsal em São Paulo chamada SABESP, que é a associação SABESP que também me dava uma remuneração, então era o Vasco e essa associação e a associação SABESP que que eram minhas, meus provedores, né? em questão financeira.*

Leda: *Então, tipo de 94. De 94 a 2000. Foi quando eu fui viver do futebol único exclusivamente, e aí olha o espaço de tempo que tem de 81 até 94. É bastante tempo, né? 2020, 23 anos que eu praticamente eu joguei futebol por lazer e outra coisa, né? Falando nessa questão profissional, eu não te nunca fui e ser uma jogadora de futebol profissional, porque na nossa era só uma brincadeira.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim. Com certeza.

Leda: *E aí foi passando um lazer, né? Foi, ... evoluindo, né? Foi criando corpo, enfim, e eu cheguei até onde cheguei, mas sem o sonho de uma menina ser jogadora de futebol, entendeu?*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim.

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: E quando você, eu vou perguntar aí tem a pergunta que havia mulheres em cargos de liderança aí você pode falar quando você estava no Vasco de forma remunerada né quando você estava lá que você estava realmente com uma carreira vivendo do esporte, lá no Vasco havia mulheres em cargos de liderança ou eram todos os cargos ocupados por homens.

Leda: *Eu tive a sorte é sorte nas 2 equipes. Tanto Vasco quanto SABESP, mulheres no cargo de liderança.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: A legal.

Leda: *Nós tínhamos uma coordenadora, a coordenadora, que era mulher. Nós tínhamos a treinadora, que era mulher, nós tínhamos a América, que era mulher. No Vasco, nós tínhamos preparadora física, que era mulher no Vasco, porque eram todas oriundas do futsal, então essa equipe era de futsal e aí todo mundo migrou para o campo.*

Está e Na SABESP também. Nós tínhamos a supervisora que era que era a mulher, a treinadora, que era mulher, massagista, mulher, então eu tive. Eu tive muita sorte, né? É em relação a isso, porque é um universo que né, é do futebol ali.

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Aham. Sim. Aham.

Leda: *A gente que eu que fui atleta e hoje que sou treinadora.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim.

Leda: *A gente consegue muito entrar, né? Nesse, nesse campo tem um outro olhar, tem um olhar diferente e todas elas foram a ex-atletas.*

Né? Então viraram gestores, viraram treinadores, então é assim [...] relação é muito, muito, muito próxima.

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Aham. Certo, e.

Leda: *Agora daí, para trás, daí para trás.*

Zero mulheres, né?

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: [...] sim.

Leda: *zero mulheres, tipo assim, no início da minha carreira, era única, exclusivamente comandada por homens, nem na parte assim, de fisioterapia, até porque não existia*

massagista também não existia nada, não existe absolutamente nada, né? Então a gente só tinha realmente um homem sem comissões técnicas.

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Certo, e foi necessário jogar na clandestinidade?

Leda: *Então, HAHA se eu falar para vocês se eu confessar para vocês que tem uns 5 a 7 anos que eu fiquei sabendo que na época que eu jogava, que eu comecei a jogar, que era proibido, que eu não sabia.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim.

Leda: *Não fazia a menor ideia, cara.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: ... boto fé.

Leda: *Sabe que é uma coisa louca, coisa maluca foi gente. Como é que pode a gente escrever uma história? A gente fazer parte da história e a gente não sabia que aquilo era proibido.*

Leda: *Isso é muito louco. Isso é muito. Se alguém me contou isso. Isso não ficou marcado na minha cabeça. Sinceramente, eu não sei, sabe? Eu não tenho assim. É. É alguma, alguma memória? Que tipo, pô, a gente joga futebol, mas aí a gente é proibida de jogar e tipo, quando eu comecei já tinham meninas. Que já tinham 5 anos mais do que eu, 10 anos mais do que eu estou, tinha. Eu tinha 14. Eu já jogava com meninas de 24 de 25.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Aham. Sim.

Leda: *Né? Então, tipo elas. Talvez elas soubessem disso, mas eu sinceramente nunca quis.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Não chegou em você, então essa infor.

Leda: *Não, não, não, não sei se é sinceramente, não, não, não respingou, não me respingou agora aqui.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Aham, mas você jogava no momento que você jogava lá decente, era proibido.

Leda: *Sim. Era proibido, cara, era proibido. É uma loucura. Não é que que a proibição foi de 40, foi de 40 a 79, mas aí só foi oficializado em 81. Se eu não me engano.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Caramba. Sim.

Leda: *Não é isso, eu não estou tendo, né?*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim. É, mas isso é.

Ester Geraldo Campelo Torres: É, eu acho que é de 40 a 76.

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Foi no governo Vargas.

Leda: *É, é, foram. Foram 40 anos de proibição.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim.

Leda: *Né? Getúlio Vargas não é bonito, né? Que fez essa coisa linda, maravilhosa com a gente. Então a gente tipo assim, a modalidade tem um atraso no Brasil.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Hã, rã. Sim.

Leda: *Igual não tanto como é. Como é que a gente resgata isso? Nunca, né?*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Muito difícil. Aí você vê essa disparidade em relação aos times. O Corinthians pega um time e mete e 12 a zero.

Leda: *Nunca. Sim. 14, é? Pois é, exato.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: E a menina está chorando? Isso no futebol profissional é absurdo.

Leda: *E [...] se eu for para esse lado, eu já vou, já vou expor menores, eu já vou falar do clube, né, enfim da falta de apoio, que é o que a gente [...] não é diferente no masculino, porque a gente tem lá é 3%, não é? Eu acho. De clubes que de jogadores que ganham acima de 100000, de 50000. Cara, isso No feminino não vai ser diferente, né? Não vai ser diferente.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim. Sim.

Leda: *Enfim, é complicado, respondi à pergunta de vocês?*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Respondeu, sim, com CER.

Leda: *É porque às vezes eu viajo na maionese, sabe? A mente vai aqui [...].*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Não. Tranquilo, é a próxima era em relação a quanto tempo você jogou na clandestinidade? Mas eu acredito que você respondeu essa pergunta.

Leda: *Foi, não é porque foi de foi. Há quanto tempo? Acho que foi tipo assim, o primeiro campeonato oficial eu joguei que foi de 83 Brasil.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Aham.

Leda: *Porque aqui no Rio de Janeiro, né, então?*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim.

Leda: *De 81, 83 eu fui clandestina porque fui primeiro campeonato oficial, né? Pela federação do Rio de Janeiro. E aí depois as portas se abriram. A coisa começou [...]*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim.

Leda: *A crescer um pouquinho, né? Começou a andar, digamos assim.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim.

Leda: *Mas foram, foram 2 anos, não minto, é sim, 2 anos 81 é 81, 83.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: É só um momento

Leda: *Você me mandou as perguntas aqui. Eu nem vi. HAHA*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim, sim, é. Sentia uma pressão social por jogar futebol? Isso durante e isso puder também falar os pós porque eu imagino que quando a lei foi vetada, provavelmente continuou a mesma coisa, assim, dos olhares preconceituosos ou algo do tipo.

Leda: *Sim, isso é fato, isso é fato, é porque a gente a gente jogava. Né? Um esporte é único, exclusivamente masculino, é o Brasil um país, é. Machista, preconceituoso. Coisas que a gente sofre até hoje na pele, né? A gente para mostrar o nosso valor. A gente tem que estudar 3 vezes mais. A gente tem que trabalhar 3 vezes mais. Naquela época não era diferente. A gente para se manter, né? Viva. A gente tinha que bater muito contra o sistema, né? Esse, esse mundo, esse universo masculino. Né? Mas eu vou falar uma coisa pra vocês, eu. Eu sempre fui muito privilegiada porque as equipes que eu joguei. Elas não, não, não passavam para a gente, né? Essa obrigatoriedade de resultado de é como é que eu vou dizer? De [...], se você vencer, você se perder, a gente vai acabar com o*

time, sabe? A gente não tinha muita essa pressão agora. Pressão externa é questão assim, de preconceito, sim. Quanto é lugar que a gente ia na cara?

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Hã, rã.

Leda: *E aí as pessoas estão te xingando é mulher homem é vai lavar uma louça vai, vai é lavar roupa vai cuidar do marido vai isso vai aquilo acaba que isso sabe tu ficas chateada de ouvir uma coisa dessas porque tipo assim eu era uma menina.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Com certeza.

Leda: *Eu só queria brincar, cara, eu só. Só brincava de jogar bola. Né? E aí, quando a gente começava a jogar, que os caras viam que a gente não estava ali de brincadeira, que o negócio era a vera, né? Que o negócio era sério. [...] caramba, as mulheres jogam pra caramba e tal. Não sei o que sabe, mas. À primeira vista, sempre, sempre a gente sempre foi olhada, né? De uma maneira torta, sempre.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim.

Leda: *E lá vem, essa mulher macho jogar bola. Não sei o quê. A gente ouvia isso o tempo todo, só que na verdade. Para a gente sempre foi uma questão de motivação. Eu acho que se a gente não tivesse isso, acho que metade [...], né? Da metade da nossa geração teria ficado no meio do caminho.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim.

Leda: *Porque acabou que a gente sempre flutuou contra, contra, contra o sistema, lutou contra a desigualdade, contra [...] preconceito. E contra a dificuldade, né? De você. Pelo menos, só que só queria jogar bola.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim.

Leda: *Né, então. E hoje a gente até hoje a gente enfrenta isso. Não é pouco menos mais?*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim.

Leda: *É porque [...] que está enraizado. Ele não vai, ele não vai sair, né, das pessoas.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim, com CER.

Leda: *Mas é isso.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: E que essa foi uma pergunta que veio aqui agora. É, você jogava com homens na época que que você era adolescente 14 15 anos, você tinha as peladas com os garotos e você chegava lá, pedia para jogar, jogava com eles. Ou ainda a ou acontecia de não deixar jogar? Como é que era essa relação, essa situação?

Leda: *Bom, é, eu acho que eu acho que era mais ou menos. Eu acho que era o contrário, estava dentro da minha casa, aqui, quietinha. Porque antigamente é questão de educação mesmo, né? E de cuidado, não é de pai e mãe e a mãe não me deixava sair muito para a rua.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim.

Leda: *Mas aí acontecia, a molecada, cara, sabia que eu jogava bola. E aí eles vinham aqui, na minha casa, bater na minha casa, vai me chamar para jogar bola.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: hum.

Leda: *E aí, minha mãe tinha que me caçar na rua, tipo, as vezes 10 horas e eu estava jogando com a molecada, não é isso? Eu tenho uma Quadra de futsal aqui, pertinho da minha casa, que eu moro perto no colégio. E eu nunca tinha estudado nesse colégio, só que todo mundo da escola sabia que eu jogava bola, porque eu jogava bola na rua com molecada e com uma menina, que inclusive foi jogar comigo nesse time em 81, porque foi a irmã dela que conseguiu para a gente. Pô um time só de mulheres, olha que legal que até então éramos nós 2 jogando no meio de uma molecada, né?*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim.

Leda: *E aí teve um campeonato aqui que foi de meninos, foi de meninos. E aí eu me lembro, eu devia ter, acho que uns 12, 13 anos de idade. Eles não me deixaram jogar na linha. Mas eu. Jogava aqui no quintal da minha casa, eu também agarrava. Tinha a joelheira, tinha luva, tinha um, caramba 4 e aí na escola também, né? Fazia educação física, leva rim de bola, era goleira e aí eu fui ser goleira do time dos meninos.*

Leda: *E aí nosso time foi campeão e eu sendo lá goleira, né? Num, num, numa coisa assim, de terrão, né? Tinha torcido tudo com Bandeira não sei o quê, mas tipo, não permitiram que eu jogasse na linha. Olha.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim.

Leda: *Né? Então isso. Isso foi um impedimento, né? E na época eu não sei o que que aconteceu, não sei quem foi que organizou, eu sei que eu fui ser goleiro e acabou que a gente venceu, né? E aí, depois, depois eu graças a Deus eu encontrei esse time aí e a gente foi jogar só futebol de mulheres, mas era só com a molecada.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim.

Leda: *Mas eu era tipo assim, ha ha, vai escolher o time você se não fosse a primeira a ser escolhida, era a segunda.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Sim, a. Ali, junto com a molecada.

Leda: *Junto com a molecada junto com a molecada, junto com a molecada.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: A legal. Tem, porque entre as crianças, então não existia esse preconceito, porque isso é uma coisa que é o adulto da.

Leda: *Não, não, não, não. Isso. Exatamente, né? Porque a gente a gente só brincava.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Legal.

Ester Geraldo Campelo Torres: É aí eu fiquei pensando nesse, né? É no relato dela. Eu fiquei pensando é, já que ela comentou da vizinhança da escola do handball. Na educação física, se na escola, porque eu sei que na época não é pelo histórico, não era para ser misto, né? Era bem dividido. Educação física, como que era assim? Você jogava futebol ou não?

Leda: *Então eu jogava o futebol no tempo livre. Porque na aula de educação física eu não lembro de jogar futebol. Eu lembro de jogar o handball e aí eu era goleira no handball. Mas há soltou a bola lá. Não está valendo. O professor não está lá, minha filha estava lá, tava eu na quadra com moleque jogando. Então, quando aparecia, né uma pessoa de liderança ali, um adulto, é que fosse orientar a atividade pum daí já separava. É tipo assim. É como se fosse o handball, fosse um esporte de meninas e o futebol fosse um esporte para meninos. Porém, quando saíam eles, eu estava lá, a vá jogando futebol com a molecada.*

Carolina Rodrigues Lourenco dos Santos: Hum, a outra pergunta [...] em relação ao que você acha do momento atual do futebol feminino contemporâneo, como está agora?

Leda: *Ai, se eu disser que não tá melhor eu vou tá mentindo, né? vou tá mentindo porque a gente vê jogadoras [...] já não de agora, já faz um pouquinho, né? já tem um tempinho*

já, jogadoras indo jogar fora, né e isso é um avanço muito grande que não começou agora, já tem bastante tempo, inclusive foi quando eu parei de jogar, na verdade 2000, né que foram jogar lá fora: pretinha, Katia Silene, Sisi, é ham, inclusive jogavam todas no Vasco comigo e começavam ir pros Estados Unidos, aí depois foram pro Japão e começavam a rodar o mundo, já e foram outras meninas, porque da minha geração, a única, as únicas que foram foi a Lucia, Lucia Feitosa, que hoje que até hoje ela mora na Itália, se vocês quiserem pesquisar sobre ela, ela ainda mora na Itália, ela fez carreira lá, ela foi pra lá em 84, ela foi a primeira mulher a jogar fora e depois Michael Jackson, que foi, pra jogar no Torino e depois a gente teve a Bel que jogou no internacional, a gente teve a Duda, isso pioneirismo né, pioneirismo, e aí em 2000 de pio, pioneiras que foram, foram a Sisi e a Roseli só que já estavam meio que na fase de transição pra parar de jogar, né? então nos anos 2000 pra cá, é eu acho que, foi foram quando as coisas começaram a mudar e aí a gente até uma vez eu falei com, não sei se vocês conhecem a Ana Lee, Ana Lorena Marche ela foi é gerente e foi coordenadora de futebol feminino na federação paulista e aí hoje ela como coordenação da seleção brasileira, depois que a Duda saiu, Eu questionei ela sobre a questão dos campeonatos brasileiros. Antes de 2013, porque teve um formato, antigamente a gente desde 93, né aí. Até 2013. Eram chamada taça Brasil taça Brasil, mas era Campeonato Brasileiro. E aí eu aí, tipo assim. É o Santos, do Pelé. Ele jogou lá um campeonato sul-americano em 1920. Putz. E aí que que aconteceu? A Conmebol reconheceu o Santos de Pelé por ter sido campeão lá no porquê viram que aquilo representava 1, 1 campeonato sul-americano. Vocês conseguem me entender?

Carolina Rodrigues Lourenço dos Santos: Sim. Sim.

Leda: *E aí eu fui, questionei a ela isso, ela fez, ela. Eu participei de um curso que ela foi palestrante. Mas depois eu joguei no e-mail para ela, ela Ledinha isso que você fala para mim faz muito sentido. Eu falei, pois é porque eu, eu, o Vasco é tricampeão brasileiro. Só que aí você conta o Campeonato Brasileiro de 2013, que foi primeiro formato caixa. Até agora. Então, de 2013 até agora, as pessoas acham que tem um Campeonato Brasileiro, só que não ia lá atrás. Fica onde?*

Carolina Rodrigues Lourenço dos Santos: Sim, sim, e no masculino sempre puxam as edições anteriores

Leda: *É legal?*

Carolina Rodrigues Lourenço dos Santos: E a atual?

Leda: *Legal, né? Isso não é legal, isso não, isso não tem que ser revisto.*

Carolina Rodrigues Lourenço dos Santos: Sim, sim. Sim.

Leda: *E aí, o que que acontece? As coisas melhoram, só que elas melhoram. Acho que é muito no sentido do interesse, sentido, interesse de visibilidade. Se vai passar na televisão, se eu vou ter um retorno, se eu vou ter alguém que banque a competição? Porque até então, o nosso Campeonato Brasileiro nunca passou em televisão. Se passou, passava lá porque a SportTV queria passar uma final de campeonato, né? A gente teve a Paulistana e 97 que também foi o primeiro Campeonato Paulista oficial que eu participei também. Eu tenho tudo gravado, né? E aí que que acontece? Você aí, você. Você tem de 2013 para cá, todo o Campeonato Brasileiro e aí você tem 2000 e se eu não me engano, 20, 18, 18, 19. Você começa a ter uma série, uma série, né? O Campeonato Brasileiro, com série A1, A2 b você, pois você passa para 3 e aí vem a obrigatoriedade dos clubes de série A1 e A2 de terem times femininos. E aí eu entro nessa questão do Ceará? Porque o Ceará só chega lá e dá a camisa para um time.*

Carolina Rodrigues Lourenço dos Santos: Sim.

Leda: *Da esquina? Putz, mas é o nome do clube que está ali, mas se ele não tiver o time da esquina com a camisa dele, ele não vai disputar um campeonato sul-americano. E aí a gente tem essas obrigatoriedades. São legais? É relativo.*

Carolina Rodrigues Lourenço dos Santos: Sim, porque quando é feito meia boca, de forma que vai fazer aquelas jogadoras se sentirem desrespeitadas ou humilhadas de alguma forma.

Leda: *Exatamente.*

Carolina Rodrigues Lourenço dos Santos: Já perde.

Leda: *É o que acontece. É o que acontece.*

Ester Geraldo Campelo Torres: Lá no Goiás, eu acho que o Goiás fez uma péssima representação de time, né do time feminino assim que começou, do que vocês estavam falando de falta de respeito né?

Leda: *Sim, isso. E aí você tem você tem 3 séries agora. A1 um, A2 e A3. Né? E aí, se você pegar, né? Desse, desse, de todos esses clubes. Alguns são de prefeitura. Putz que é para mim é perfeito isso. São Paulo fazia muito isso hoje em dia deu uma caída muito grande, né? Que as prefeituras, né pegar? Pegamos esses times e bancavam esses times, eram super legais, só que também veio a crise, é um monte de coisas. Né? Então, tipo, é. Realmente que as que eu penso que a gente precisa no futebol feminino é você ter uma diretriz, é você ter, é? Como é que vou dizer. Um plano, um planejamento, um plano de ação. Que você consiga abranger todas as equipes, todas as equipes da série A1 da série A2 da série A3, né? A gente vai lá, a gente vai dar tanto. Ele vai ser bancado por, né? Por fulano de tal. E aí que acontece, a jogadora joga ali 3 meses. Porque o Ceará é obrigado a jogar o Campeonato Brasileiro, porque ele foi classificado para jogar no brasileiro, né? Por que ele ganhou a vaga? Só que as meninas têm 14, 15 anos de idade, cara, como é que vai jogar contra o contra o Corinthians? Vai tomar porrada? Vou falar, *****, vai tomar. Tomou aqui pro Flamengo aqui jogando, jogando esse, essa, essa copa aí que eles inventaram aí de sei lá das contas. No início do ano que Corinthians foi campeão. Sabe, então você tem você tem que ter um plano de ação, você tem que ter um planejamento que vai abranger todo o mundo. Eu não. Eu não, né? Disparidade é muito grande. Eu tenho um Corinthians que paga salários lá, sei lá, de cinquenta mil, cem mil. Eu tenho essas meninas passando necessidade. A gente teve o time da equipe do Vitória lá da Bahia lá, que o que o que o na época da pandemia CBF jogou um recurso, não sei. Vocês ficaram sabendo disso, mandou recurso para equipe feminina, o cara simplesmente pegou, embolsou o dinheiro todo e as meninas, não tinha nem o que comer, cara. Sabe, isso acontece com a gente.*

Carolina Rodrigues Lourenço dos Santos: *Sim.*

Leda: *Está? Então melhorou, melhorou, mas nós não somos profissionais. Né? Então tipo, falta muita coisa, falta muita coisa, falta o cuidado, né? Faltam realmente pessoas que estejam interessadas em ajudar a montar e a modalidade a fomentar, né? AA formar jogadoras, porque é muito, muito difícil gente é muito difícil a gente está nesse meio e aí a pessoa que fica um tempão fora do futebol e aí de um tempo pra cá, a pessoa resolve voltar para essa loucura de novo. HAHA, mas eu tenho, eu não posso ficar longe disso, foi minha vida inteira.*

Carolina Rodrigues Lourenço dos Santos: *Travou!*

Leda: *Putz, não dá. O futebol não sai da gente, a gente sai do futebol e, mas ele não sai da gente. Eu tenho. É porque, é uma lição, eu não posso, eu não posso guardar isso que eu vivi, eu tenho, é como se fosse uma obrigação, uma responsabilidade de eu transmitir isso, sabe? Então melhorou, mas falta muita coisa.*

Carolina Rodrigues Lourenço dos Santos: Falta! Olha é isso, muito obrigada!

Leda: *Ah, mentira que acabou, brincadeira, vamo, vamo conversar mais. Pouco tempo.*

Ester Geraldo Campelo Torres: Não, com certeza, deixa eu encerrar aqui, a gravação, que eu acho que a gente podia falar um pouco da ferroviária que é meu time do coração.

Leda: *HAHAHA, oh minha amiga trabalha lá, tira onda.*

Ester Geraldo Campelo Torres: Eu acho um time maneiro, entendeu? Pera aí, parar a gravação e a transcrição, que aí eu já.

**APÊNDICE II- ROTEIRO ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA LEDA
MARIA COZER ABREU – EX-ATLETA DE FUTEBOL**

As perguntas previamente enviadas a Leda foram:

- 1- Como foi sua carreira profissional?
- 2- Havia mulheres em cargos de liderança?
- 3- Foi necessário jogar na clandestinidade?
- 4- Quanto tempo mais ou menos você viveu jogando de forma clandestina?
- 5- Como era a proibição, tinha algo como uma fiscalização ou punição para as mulheres que descumpriam a lei?
- 6- Sentia uma pressão social por jogar futebol? (durante a proibição e depois que a lei foi vetada).
- 7- Como foi quando a lei acabou? Foi muito difícil atuar como profissional, se tinha muito preconceito, como era? Pois existe preconceito até hoje e queríamos saber como era quando a lei foi vetada.
- 8- O que você acha do momento atual (contemporâneo) do futebol feminino?